

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

KARINE SILVA MENDES CALDAS

MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI EM CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

GARANHUNS

2018

KARINE SILVA MENDES CALDAS

MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI EM CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação do professor Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes.

GARANHUNS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna Garanhuns - PE, Brasil

C145m Caldas, Karine Silva Mendes

Memórias e escritas de si em crônicas de Humberto de Campos / Karine Silva Mendes Caldas. - 2018.

f.

Orientador(a): Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes..
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR - PE, 2018.

Inclui referências e anexos

1. Autobiografia 2. Memória na literatura 3. Crônicas 4. Análise
do discurso I. Fernandes, Carlos Eduardo Albuquerque, orient. II.
Título

CDD 401.41

KARINE SILVA MENDES CALDAS

MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI EM CRÔNICAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação do professor Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes.

Garanhuns, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes
Orientador - UFRPE/UAG

Prof. Dr. Dennys Dikson Marcelino da Silva
Examinador - UFRPE/UAG

Profa. Dra. Márcia Felix da Silva Cortez
Examinadora - UFRPE/UAG

AGRADECIMENTOS

Eu estava triste e o Senhor me abençoou com uma oportunidade de renovação, pois estar outra vez no meio acadêmico foi exatamente isso: recomeço. Por isso primeiro a Ele dou graças.

Agradeço em especial a minha filha, Ana Beatriz Caldas Oliveira, que foi a minha maior incentivadora, me estimulando a me inscrever no ENEM, e acreditando na possibilidade da realização de um sonho meu, que era voltar ao mundo acadêmico.

Ao meu filho, Giovanni Martinovich de Araújo Calábria Filho, principalmente por ter sido paciente em meio às minhas dificuldades tecnológicas (risos).

Aos meus pais, Josefa Maria Silva Mendes e Álvaro Spíndola Mendes Neto, por todo o orgulho que sentem de mim, a vida toda, e por me acompanharem tão carinhosamente também na busca de material, em Parnaíba, para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus amados colegas de curso Emerson Morais Raimundo e Pâmella Fernanda dos Santos Almeida, que se tornaram, ao longo da graduação, “filhos de coração”, e que são presentes de Deus na minha vida.

A todos os outros amigos queridos que encontrei nesta Universidade, Gilmar de Lima Vasconcelos, Ketly Lahanny Alves, Ribamar Oliveira e outros queridos demais, que me trouxeram vida, cor e muita alegria, e que me acolheram tão carinhosamente.

A todos os meus professores da graduação, todos foram realmente importantíssimos para o meu crescimento, e agradeço em especial ao professor Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, que aceitou ser meu orientador, mesmo com as dificuldades que se apresentaram.

À minha tia Maria de Fátima Araújo Mendes e ao Dr. Alcenor Rodrigues Candeira Filho, que foram colaboradores na busca por fontes de pesquisa na cidade de Parnaíba.

Ao “meu bem”, Emanuel Rodrigues Costa, que esteve tão presente nesses últimos tempos, acreditando em mim, e sempre me incentivando a não desistir.

Ao meu filhote de quatro patas Brad, que, na sua fidelidade canina, passava horas incansáveis ao meu lado, dia após dia, enquanto eu estudava, incansável na sua doce vigília.

Aos meus gatinhos, que invadiam o meu espaço de estudo, me trazendo carinho, exatamente quando a exaustão e o desânimo chegavam.

E finalizo com palavras de Marco Túlio Cícero: “Sem amizade a vida não é nada, pelo menos se quisermos, de um jeito ou de outro, viver como homens.” (Cícero, 44 a C.).

Ele é o Deus que me reverte de força
e torna perfeito o meu caminho.
Torna os meus pés ágeis como os da corça,
sustenta-me firme nas alturas.
Ele treina as minhas mãos para a batalha
e os meus braços para vergar um arco de
bronze.

Salmos, 18, 32-34.

RESUMO

Este trabalho de monografia, que foi realizado a partir do estudo das memórias autobiográficas do escritor Humberto de Campos, escritas utilizando-se do gênero crônica, tem como objetivo realizar uma análise literária dessas memórias e da escrita de si do autor. A partir de quatro crônicas selecionadas do livro Memórias, estudadas tendo como base os referenciais teóricos memória e escrita de si, analisamos como a escrita de si está posta no discurso do escritor, e como esse discurso foi construído e a relação que o autor estabeleceu com o leitor na elaboração de sua narrativa autobiográfica. As crônicas selecionadas foram “O brinquedo roubado”, “Nossa casinha”, “Um amigo de infância” e “O flagrante”, todas relatos de fatos ocorridos na infância do autor. Entendemos que a memória mantém vivo o passado, mas que nem todas as nossas lembranças são “nossas”, pois muito do que recordamos depende do relacionamento que temos com os grupos sociais nos quais estamos inseridos, que nos dão lembranças que se incorporam em nós e confundem-se com as originariamente nossas. Acreditamos também que nem sempre recordar é reviver o passado, mas sim reconstruí-lo a partir do que somos na atualidade. Compactuamos com aqueles que atestam que não existe autobiografia pura, e que, embora o discurso autobiográfico seja um discurso de verdade, nele existe ficção, e que onde o memorialista encontra lacunas nas lembranças ele as preenche com sua capacidade criativa. Concluimos que escrever sobre si mesmo é uma forma de dar significado à própria vida e de eternizar-se. No trabalho, além do estudo de outras obras do autor, consultamos autores como Coelho (2005), Sá (2001), Klinger (2007), Bosi (1998), Barros (1989), Chevalier e Gheebrant (2009), entre outros. Desejamos mostrar que o autor escreveu suas memórias utilizando-se do caráter confessional, estabelecendo com o leitor um pacto de real na sua narrativa, oferecendo diversos elementos garantidores de verossimilhança, e dando à sua obra também um caráter educacional, porém, em diversos momentos, admitiu a existências de lembranças fragmentadas, o que ratifica o entendimento de vários autores da impossibilidade da existência de textos biográficos puros.

Palavras-chave: Memória. Escrita de si.

ABSTRACT

This work of monograph, which was carried out from the study of the autobiographical memoirs of the writer Humberto de Campos, written using the chronic genre, aims to perform a literary analysis of these memories and the author's self-writing. From four chronicles selected from the book *Memories*, you study based on the theoretical references memory and self-writing, we analyze how self-writing is put in the discourse of the writer, and how this discourse was constructed and the relation that the author established with the reader in the elaboration of his autobiographical narrative. The selected chronicles were "The Toy Stolen", "Our house", "A friend of childhood" and "The flagrant", all reports of events occurred in the childhood of the author. We understand that memory keeps the past alive, but that not all of our memories are "ours," for much of what we remember depends on the relationship we have with the social groups in which we are inserted, which give us memories that are incorporated in us and they are confused with those originally ours. We also believe that not always remembering is to relive the past, but to rebuild it from what we are today. We compose with those who attest that there is no pure autobiography, and that although autobiographical discourse is a real discourse, there is fiction in it, and that where the memoirist finds gaps in memories he fills them with his creative capacity. We conclude that writing about oneself is a way of giving meaning to one's own life and of being eternalized. In addition to the study of other works by the author, we consulted authors such as Coelho (2005), Sá (2001), Klinger (2007), Bosi (1998), Barros (1989) and Chevalier and Gheebrant (2009). We wish to show that the author wrote his memoirs using the confessional character, establishing with the reader a pact of reality in his narrative, offering several elements guaranteeing verisimilitude, and giving his work also an educational character, but at different times, admitted to the existence of fragmented memories, which ratifies the understanding of several authors of the impossibility of the existence of pure biographical texts.

Key-words: Memory. Writing for you.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HUMBERTO DE CAMPOS – VIDA E OBRA.....	12
2.1 VIDA	12
2.2 OBRA	24
3 CRÔNICA - O GÊNERO	27
4 MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI.....	33
5 ANÁLISE DAS CRÔNICAS.....	40
6 CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
APÊNDICE A - RIO IGARAÇU ("BRAÇO" DO RIO PARNAÍBA) - PARNAÍBA/PI.....	73
APÊNDICE B - ANTIGA RUA GRANDE - AVENIDA PRESIDENTE VARGAS - PARNAÍBA/PI.....	74
APÊNDICE C - PRAÇA DO CAJUEIRO HUMBERTO DE CAMPOS - PARNAÍBA/PI.....	75
ANEXO A – O BRINQUEDO ROUBADO.....	76
ANEXO B – NOSSA CASINHA.....	79
ANEXO C – UM AMIGO DE INFÂNCIA.....	82
ANEXO D – O FLAGRANTE.....	86

1 INTRODUÇÃO

Ao escrever memórias de infância, os escritores, por meio de um narrador adulto são levados a trabalhar com o retorno ao passado numa perspectiva de recriá-lo e torná-lo significativo. A literatura memorialística busca eternizar a história, e o narrador, contando suas experiências, leva o leitor a repensar suas próprias experiências.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar, na obra *Memórias*, de Humberto de Campos, de que forma este se posiciona sobre si como personagem-autor, em suas memórias de infância registradas em suas crônicas, e responder como isso acontece sob o ponto de vista literário nas memórias referenciadas na obra – anos 1886 a 1900 - em quatro crônicas selecionadas.

Memórias foi publicado no ano de 1933, um ano antes da morte precoce de Humberto de Campos. Campos vinha lutando havia anos contra uma doença – hipertrofia da hipófise, enfermidade que lhe reduziu os sentidos da visão, da audição, e os movimentos dos braços, falecendo o autor em 05 de dezembro de 1934, após uma cirurgia feita para aliviar um dos inúmeros problemas que a doença lhe causava.

A obra é composta de setenta crônicas, nas quais, de uma maneira geral, o autor narra histórias de sua infância vivida na cidade de Miritiba, Estado do Maranhão, onde nasceu, na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, onde foi morar aos sete anos de idade, após a morte do pai, e em São Luís, também no Estado do Maranhão. Em São Luís o autor foi viver aos 13 anos de idade, quando, pela primeira vez separou-se da mãe, em busca de trabalho devido às condições de extrema dificuldade financeira em que a família vivia. As memórias narradas na obra encerram-se na virada do século, em 1900.

Nosso trabalho focará na análise de quatro crônicas presentes na obra *Memórias*: “O brinquedo roubado”, “Nossa casinha”, “Um amigo de infância” e “O flagrante”. Foi dividido em capítulos, iniciando-se o primeiro capítulo com a vida do autor, as memórias do autor na obra, desde o seu nascimento na pequena cidade de Miritiba, a perda precoce do pai e as consequências financeiras que isso acarretou, a mudança para Parnaíba - PI, o apego e referencial forte da figura materna, as peraltices, as dificuldades em conciliar estudo e trabalho, personagens

que marcaram sua infância, a natureza presente no mundo do autor, a mudança para o Maranhão, e também sua vasta obra literária. O segundo capítulo trata do gênero crônica. No terceiro capítulo discorreremos sobre memórias e escritas de si. No quarto capítulo faremos uma análise literária das crônicas selecionadas, a partir das noções das duas categorias teóricas que analisamos: a memória e a escrita de si.

2 HUMBERTO DE CAMPOS – VIDA E OBRA

2.1 VIDA

Humberto de Campos teve uma enorme produção jornalística, e publicou esses escritos posteriormente em livros. Escritor do período Realista, foi considerado o cronista mais lido na década de 30, foi autodidata e começou, ainda muito jovem, a ter amor pela leitura, aproveitando todas as oportunidades que tinha para ler livros dos primos e frequentar bibliotecas. Trabalhou nas lojas comerciais de parentes, em tipografia, e esteve decidido a dedicar-se à profissão de tipógrafo, pois era um apaixonado por livros. O seu amor pelos livros está presente na sua obra autobiográfica.

Na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XXI, *De Cazusa Porto a Augusto Comte*, vemos:

Assim, porém, que se fechava a casa de comércio, eu me passava para a residência vizinha, acendia o lampião de querosene, e, curvado sobre a grande mesa que havia no centro da sala, me punha a devorar, com sofreguidão, os livros de meu primo. (CAMPOS, 1957, p. 157/158).

Humberto de Campos, escrevendo obras como *Memórias*, *Memórias Inacabadas* e *Diário Secreto* acabou sendo excelente fonte de sua biografia. No seu livro *Diário Secreto*, o autor diz exatamente isso:

Em janeiro de 1912, por ocasião de uma viagem a Parnaíba, no Piauí, comecei as minhas “Memórias”, que reencetei, meses depois, no Pará, e em 1915, no Rio de Janeiro. Interrompidas ao narrar os acontecimentos de 1903, 17º ano da minha vida, pretendo, agora, continuá-las. Se conseguir reatá-las, e chegar ao ano de 1927, essas “Memórias”, unidas a este “Diário”, constituirão a minha autobiografia, completa e fiel. (Campos, 2014, p. 46).

Em crônica de título “Eu”, Capítulo VI do livro *Memórias*, Campos inicia o texto declarando: "Nasci a 25 de outubro de 1886, dia consagrado, no calendário católico, aos santos Crispim e Crispiniano." (1983, p. 47). Nasceu em Miritiba, que, através do

Decreto Lei 743, datado de 13 de dezembro de 1934, passou a se chamar Humberto de Campos, cidade do Estado do Maranhão distante de São Luís 165 km, que pertence a mesorregião Norte Maranhense e à microrregião dos atuais famosos Lençóis Maranhenses. Campos é filho de Joaquim Gomes de Farias Veras e de Anna Theodolina de Campos Veras. Entre as crônicas que compõe sua obra *Memórias*, “Miritiba”, no Capítulo V, Campos fala sobre sua cidade natal e sobre a casa onde morava, e diz: "A casa de meu pai ficava na segunda rua, fazendo canto com a travessa principal." (1983, p. 41).

Humberto de Campos frequentou escolas durante sua infância, intercalando esses períodos com estudos em casa, com a mãe, visto que, em vários momentos da sua jovem vida, precisou ausentar-se da escola para ajudar com as despesas da família. Em 1894 iniciou, em Parnaíba, a instrução primária.

Seu pai, Joaquim Gomes de Farias Veras, faleceu em São Luís, quando Humberto de Campos tinha seis anos de idade, ocasião em que o pai havia viajado àquela capital para consultar médicos e tratar de negócios. Com a morte do pai, sua jovem mãe, Ana de Campos Veras, conhecida como Dona Anica, ficou com a responsabilidade de criar os dois filhos da união, Humberto e sua irmã Emília (nascida em 1888), e Prosérpina, uma das três filhas de Joaquim nascidas de uma relação amorosa anterior ao casamento de seu pai com sua mãe, portanto considerada filha “ilegítima”. Campos fala sobre o pai em suas memórias com a afirmativa de uma lembrança presente em sua vida. Em crônica cujo título é “Meu Pai”, Capítulo III do livro *Memórias*, Campos fala sobre o pai: "Quando meu pai morreu, eu tinha seis anos e vinte e dois dias. Mas lembro-me, ainda, perfeitamente, dos seus modos e da sua figura." (1983, p. 25).

Em *Memórias*, Humberto de Campos retrata um pouco de sua origem portuguesa, menciona os avós, embora tenha conhecido apenas a avó paterna. Esse quase nenhum contato com os avós podemos ver na sua crônica “Dindinha”, presente no Capítulo II da obra *Memórias*, onde, ele diz: "...embora por pouco tempo, eu tive uma avó." (1983, p. 24). Nascido em um país ainda escravocrata, o autor, na crônica “Eu”, Capítulo VI, escreve: "Recordo, por exemplo, que, aos três ou quatro anos, me conduziram a uma festa de pretos, comemorativa do 13 de maio de 1888. É essa uma das lembranças que se acham mais fundo no oceano da minha vida..." (1983, p. 49).

Nas crônicas, o autor se descreve como uma criança feia, pouco percebida, que alimenta a necessidade de afeto com a atenção que recebe da mãe, presença constante em sua vida. A carência do afeto de outras pessoas é constante na obra, e o autor afirma que não tem lembranças de carinhos que tenha recebido de outra pessoa que não tenha sido sua mãe. Na crônica “Eu”, Capítulo VI, vemos:

Eu tenho a impressão de que não fui, jamais, um menino alegre e querido. Por mais que recue no tempo em busca de mim mesmo, só me encontro impulsivo e rebelde, mas dominado, intimamente, por uma profunda tristeza, com imprevistas explosões de esquisita sensibilidade. (Campos, 1983, p. 50).

Após a morte do esposo, diante das dificuldades surgidas, depois de breve estadia em São Luís, Dona Anica muda-se com os filhos para Parnaíba, cidade situada no litoral do Estado do Piauí, onde residiam familiares seus e do esposo. A mudança para Parnaíba está narrada na crônica “Parnaíba”, Capítulo XVIII do livro *Memórias*: "Foi nos últimos dias de novembro, após mais de um mês de cidade, que deixamos São Luís, com destino a Parnaíba... Em Amarração esperavam-nos alguns tios e tias maternos, com os quais íamos viver." (1983, p. 117/118). Lá dividiram moradia, durante algum tempo, com irmãs solteiras de Dona Anica, e depois passaram a residir numa casa que a mãe de Humberto conseguiu construir com algum dinheiro deixado pelo pai, casa que foi objeto da crônica “Nossa Casinha”, Capítulo XXVII, onde Campos a descreve como: "... a casa que minha mãe mandou construir em Parnaíba, à rua do Pará, ao lado daquela em que nos instalamos em 1894." (1983, p. 179).

A infância do autor, retratada nas crônicas, está cercada de contato com a natureza, com as brincadeiras na rua, brincadeiras de menino pobre, aventureiro, travesso, que quer desafiar o mundo. O ambiente urbano e natural é ricamente explorado pelo autor, bem como as figuras humanas presentes na sua história naquele período. São inúmeras as crônicas onde o autor descreve suas travessuras, tendo uma delas recebido esse título, “Travessuras”, Capítulo X, onde ele diz: "Fui, positivamente, nessa fase da vida, um traquinas de primeira classe... Fui imaginoso e vadio." (1983, p. 73).

A natureza dos locais onde o autor passa a infância está ricamente explorada na obra, na maioria das crônicas. Citando como exemplo a crônica “Taboal”, no Capítulo XIV, onde Campos descreve a residência de parentes: "Após umas duas

horas de marcha, demos com uma enorme alameda de cajueiros copados e redondos, ao fundo da qual se erguia, com seu telhado enegrecido, a pesada e austera casa de fazenda." (1983, p. 95).

A presença da mãe é, sem dúvida, extremamente marcante na vida do autor. A mãe é citada na maioria das crônicas da obra, e enfaticamente. Desvelo, extremada dedicação na criação do filho, bem como a dureza nos castigos empregados na correção das inúmeras travessuras por ele praticadas são inesgotavelmente descritas pelo autor. Os castigos sem nenhum sinal de rancor ou tristeza, mas sim com a graça e a beleza presente em toda as crônicas da obra. Campos nomeou uma de suas crônicas, que está no Capítulo IV, "Minha Mãe", e nela Campos escreveu: "A ideia mais recuada que tenho de minha mãe é de fins de 1892, isto é, após a morte de meu pai. É, precisamente, da época em que ela o chorava." (1983, p. 34).

É sempre exaltando a coragem e a firmeza de Dona Ana que Campos fala sobre a mãe, o que conseguimos perceber em toda a obra. Na citada crônica o autor exalta a coragem da mãe em enfrentar a viuvez na mocidade: "Viúva, moça, com dois filhos, e com essa filha que adotara, minha mãe enfrentou a vida com heroísmo sereno e silencioso, e com um tranquilo espírito de decisão." (1983, p. 36). E traz em suas palavras a confirmação dessa admiração profunda, e dessa relação forte e tão próxima com a mãe, quando diz: "O resto da sua vida, após a nossa chegada a Parnaíba, acha-se entrelaçado com a minha. As duas aparecerão, assim, unidas, juntas, confundidas, no correr destes capítulos." (1983, p. 37).

Aos 12 anos de idade Campos trabalhou como caixeiro no comércio de seu tio Emídio Veras, na E. Veras & Filhos, na Rua Grande, atual Avenida Presidente Vargas, em Parnaíba.

A primeira vez que se separou de sua mãe, na expectativa de conseguir um emprego que trouxesse uma melhoria para a vida da família, Humberto de Campos tinha treze anos, e foi mandado para a cidade de São Luís, pois Parnaíba não dispunha, àquela época, de trabalhos suficientes para os jovens. Na capital maranhense se hospedou, logo que chegou, na casa de seu tio paterno Franklin, o que registrou na crônica "Em São Luís", Capítulo LIX: "Em São Luís, fui residir em casa de meu tio Franklin, situada no Largo do Carmo, precisamente em frente à velha igreja dessa invocação." (1983, p. 377). Certo dia tomou conhecimento, através da esposa do tio, que este havia viajado a trabalho, e que, caso não fosse

encontrado emprego para ele até o final do mês ele, Humberto, voltaria para Parnaíba. Campos se desespera, e sua agonia está escrita na referida crônica “Em São Luís”:

Seria para vir, e voltar, que minha mãe se encheria de tanta esperança, e gastara comigo tudo que meu pai me havia deixado? Não; não voltaria!...eu não passaria pela vergonha de desembarcar no porto de que havia partido, confessando, com a minha presença, a incapacidade de libertar-me, em outra terra, da mediocridade em que até então tinha vivido! Não! Isso nunca! (CAMPOS, 1983, p.379).

O desejo de ficar em São Luís impulsionou Humberto de Campos a iniciar incursões pela cidade em busca de emprego que impedisse o seu regresso à Parnaíba. Campos estava decidido a não retornar para Parnaíba onde não havia expectativa de trabalho. Na crônica “Sem casa e sem pão”, Capítulo LX, o autor conta da decisão extrema que resolveu tomar:

Foi em uma dessas viagens de reconhecimento topográfico, realizada nos últimos dias de junho, isto é, nas vésperas do regresso para Parnaíba, que tomei a deliberação atrevida e suprema: abandonar a casa de meu tio pela vida aventureira da rua, na cidade hostil e desconhecida. Tudo me havia falhado. (CAMPOS, 1983, p. 383).

Saindo de casa nas suas andanças então, Humberto de Campos conseguiu um emprego oferecendo seus serviços de aprendiz de tipógrafo em uma casa comercial de nome Davi, Rabelo & Cia. - Tipografia e Encadernação. No fim do dia de trabalho, tarde já sendo, não voltou para a casa do tio, encontrando abrigo na casa de um irmão de um conhecido, que já tivera sido empregado de seu tio Emídio, em Parnaíba, de nome Artur Serejo. Foram dias bem difíceis, e o autor os descreve em sua crônica “Entre os dentes do gato”: “Não me recordo, hoje, quantos dias vivi sob esse regime, trabalhando na oficina tipográfica de Davi, Rabelo & Cia., durante o dia e dormindo, à noite, sob a proteção generosa, mas precária, de Artur Serejo.” (1983, p. 395). Vindo a São Luís, de Parnaíba, Emídio, tio de Humberto o leva para morar na residência de Emília Veras, filha de um primo de seu pai, cujo companheiro, e depois esposo, era um comerciante português chamado José Dias de Matos, proprietário da Casa Tramontana. Campos escreveu uma crônica chamada “A Emília”, Capítulo LXIII, onde diz, sobre a recepção que teve na residência da referida senhora: “Posso, porém, dizer, que fui recebido, mais do que como um príncipe: fui recebido como um filho!” (1983, p. 402). O tio Emídio

consegue um trabalho na casa comercial de tecidos, chamada J. A. Santos & Cia., para Humberto. Na crônica “História de três prisioneiros”, Capítulo LXIV. Campos descreve a agonia que a monotonia desse trabalho lhe causava, e revela: “A casa abria as portas às sete horas. Ao chegarmos, eu e mais dois companheiros, varriamos o armazém todo, e o escritório. Em seguida, espanávamos os caixões de fazendas, que haviam dormido fechados.” (1983, p. 405). E continua, na crônica “Volta à liberdade”, Capítulo LXV:

Emprego triste e monótono. Monótono e sem esperança, porque, um século que ali se deixasse ficar uma pessoa, não passaria, jamais, da vassoura e do espanador, com a circunstância, ainda, de assistir à depressão do caráter e à anulação da própria personalidade. (CAMPOS, 1983, p. 411).

Humberto de Campos vai até o Jornal da Manhã, uma folha diária que havia aparecido naquela época no Maranhão, com oficinas próprias, e oferece serviços de tipógrafo, e consegue o emprego. Campos traz um relato emocionante do momento em que foi acolhido nesse novo emprego, ao escrever a crônica do Capítulo LXVI, “Outra vez com Benjamim Franklin”:

Não me recordo se chorei nessa hora. Se o fiz, não foi de pavor; não foi com a emoção do meu desastre. Foi de gratidão. Foi de reconhecimento àqueles homens de trabalho, que amparavam daquela maneira carinhosa um menino que vinha corajosamente trabalhar com eles, e conquistar, ao lado deles, um pouco de técnica e um pouco de pão. (CAMPOS, 1983, p. 420).

Humberto de Campos estava feliz com o seu mais novo trabalho. Na referida crônica, “Outra vez com Benjamim Franklin”, o autor escreve:

Eu tinha que ser homem de letras, que aprender a técnica do meu ofício, que entrar na intimidade dos homens de pensamento. Não podia estudar. Não podia comprar livros. Que fizeram os deuses? Encaminharam-me para as tipografias, puseram-me em contato com a palavra escrita, deram-me a conhecer, através dos artigos que compunha, os grandes espíritos de todos os tempos. Ganhando o meu pão, iluminaria o meu cérebro. (CAMPOS, 1983, p. 416).

Após um mês de trabalho como tipógrafo, e encantado com o trabalho, Campos foi avisado por Emília que seu companheiro, José Dias de Matos, havia decidido empregá-lo como caixeiro da sua mercearia. E assim passou a trabalhar na mercearia de José Dias, e era lá que Humberto de Campos estava na virada do

século. Assim termina seu livro *Memórias*, no último parágrafo da crônica “Fim do século”, do Capítulo LXX: “Foi assim que, humilde caixeiro do século XIX, penetrei o século XX.” (1983, p. 442).

Em 1903, muda-se para Belém, no Pará. Nesse período Campos é afligido por questionamentos profundos sobre a existência de Deus. Também nessa época, segundo registra em sua obra de publicação póstuma, *Memórias Inacabadas*, apresenta os sinais da neurastenia. São muito grandes suas dificuldades financeiras. Inicialmente trabalhou numa firma comercial chamada Montenegro & Cia. Algum tempo depois viaja e vai trabalhar como capataz de seringal em Mapuá (nos limites entre o Pará e o Amazonas), mas acaba contraindo a febre palustre e regressa a Belém. Trabalha como tipógrafo e revisor e escreve seus primeiros versos. Como revisor, trabalhou no *Notícias*. Sobre o trabalho na redação do *Notícias*, encontramos em sua obra póstuma, *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XXVIII, “Inveja”: “A vida, na redação do *Notícias*, diário paraense em perpétua agonia, era uma espécie de campeonato de resistência à fome, em que entravam todos os trabalhadores do jornal” (1957, p. 217). Em Belém também trabalhou como redator na *Folha do Norte* e ainda n’*A Província do Pará*.

Foi em Belém, e nesse período, que Campos conheceu aquela que seria sua esposa, Catharina de Paiva Vergolino, conhecida como Dona Paqueta, com quem teve três filhos: Maria de Lourdes, Henrique de Campos e Humberto de Campos Filho. Chegou a desempenhar a função de Secretário da Prefeitura de Belém na gestão de Antônio Lemos. O referido Prefeito foi deposto do cargo e perseguido, algum tempo depois, juntamente com os seus seguidores, inclusive Campos, por ter escrito artigos que causou incômodo aos adversários políticos de Antônio Lemos, motivo pelo qual, com a ajuda da família de Dona Paqueta, na época sua noiva, Campos fugiu para o Rio de Janeiro. Já no Rio de Janeiro, Campos casa-se por procuração, e a esposa em seguida se muda para lá com a mãe e as tias, onde fixam residência em Niterói.

No Rio de Janeiro Humberto de Campos iniciou sua carreira jornalística, no jornal *O Imparcial*, em 1912, onde também trabalhavam Rui Barbosa, José Veríssimo, Vicente de Carvalho e João Ribeiro. Na então Capital Federal Campos segue com sua carreira jornalística e começa a ganhar destaque no meio literário, tornando-se amigo de escritores como Coelho Neto, Emílio de Menezes e Olavo Bilac.

Sobre o ciclo de amizades de Campos, encontramos em Henrique Maximiliano Coelho Neto um dos seus grandes e queridos amigos, e pelo qual nutria profunda admiração desde sua adolescência. Na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XIX, *Eu e Camões*, Campos relembra:

Entre os livros amáveis que meu primo Canuto Veras possuía na sua estante fechada, achavam-se alguns de Coelho Neto, autor a quem consagrava admiração comovida e profunda [...] E como ele me houvesse franqueado essa pequena biblioteca, exigindo, apenas, que tivesse cuidado com as encadernações, foi a esse escritor que me atirei, tomando-o para meu modelo e meu mestre. O seu orientalismo encantava-me. A sua linguagem seduzia-me. (CAMPOS, 1957, p. 143).

Encontramos, no Capítulo III da obra *Sepultando os meus mortos*, em crônica intitulada “O aniversário de Coelho Neto”, Campos ressaltando sua profunda admiração por esse grande amigo: “Prezo-o, como a nenhum outro homem de pensamento no Brasil. Amo-o, como a nenhum outro companheiro na minha vida.” (1983, p. 18).

O último registro em seu livro *Diário Secreto* data de 27 de novembro de 1934, data em que Campos recebe um telefonema de um filho de Coelho Neto, comunicando o falecimento do pai ao seu grande amigo. Nessa data Campos escreveu o seguinte:

Agora a noite, leio os jornais vespertinos. A imprensa, que havia esquecido o grande escritor, iniciou a reparação da injustiça, nos necrológios apoteóticos que lhe tece. A sua vida, a sua obra, tudo é analisado, com simpatia. Todas as folhas proclamam o seu valor, reconhecem o seu principado literário, e consideram-no o maior prosador do seu tempo nas letras nacionais. E eu sinto, com essas homenagens, um consolo tão grande, que até me esqueço da sua morte. – Não trabalhaste inutilmente, meu irmão! – digo, comigo mesmo. – Esta apoteose é a Glória! E mando à sua casa uma braçada de cravos vermelhos para o seu caixão. (CAMPOS, 2014, p. 165/166).

Como cronista, Campos vai se tornando cada vez mais conhecido nacionalmente, e suas crônicas são publicadas não apenas no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo e em outras capitais do país, ficando famoso o seu pseudônimo “Conselheiro XX”, o mais conhecido dentre todos os seus pseudônimos, com o qual escreveu diversos contos satíricos.

Em 1919, o autor, aos 34 anos de idade, conquistou a consagração literária, ingressando na Academia Brasileira de Letras, e ocupou a cadeira nº 20, sucedendo Emílio de Menezes.

Embora tenha tido bons e muitos amigos, Campos conquistou algumas inimizades, tendo sido a mais famosa delas a que manteve com o também membro da Academia Brasileira de Letras, Paulo Barreto, o “João do Rio”, que era o principal cronista do Rio de Janeiro da década de 1910. Essa inimizade era conhecida por todos e era expressada publicamente por ambos, através de trocas de desaforos e deboches e de uso de apelidos que criaram um para o outro e usavam constantemente na imprensa carioca, onde Humberto de Campos chamava João do Rio de “PelleMolle”, zombando da coluna desse, chamada “Pall-Mall Rio”, e João do Rio, por sua vez, referia-se a Campos como “Gralha miritibana”. Cresciam as trocas de desagradados entre Humberto de Campos e Paulo Barreto no final da década de 1910 e, proporcionalmente, crescia a produção jornalística de Campos, que já escrevia para diversos jornais do país.

Em *Sepultando os meus mortos*, no Capítulo III, na crônica “O aniversário de Coelho Neto”, Campos fala dessa inimizade, escrevendo: “Por essa época, éramos, já, Paulo Barreto e eu, adversários irreconciliáveis, mais por culpa minha do que dele.” (1983, p. 21).

Campos fundou uma revista de nome *A Maçã*, de grande popularidade, mas que gerou muita polêmica, considerada por alguns conservadores como uma imoralidade literária, e na qual adotou vários pseudônimos como Batuh-Allah, Almirante Justino Ribas, Giovanni Morelli, Luis Phoca, e outros. Com essa revista, no Rio de Janeiro, aqueles que o criticavam o acusavam de ser um autor pornográfico, imoral. Campos era considerado pelos moralistas como um escritor que estava afrontando os bons costumes da sociedade carioca.

Tendo popularidade com o grande público, políticos se interessaram em lançar Humberto de Campos na política, sendo ele eleito, Deputado Federal pelo Estado do Maranhão, em 1927, pelo Partido Republicano, liderado por José Maria Magalhães de Almeida, que apoiava a política do café-com-leite. Coelho (2005) afirma que em 1930 Humberto de Campos recebeu um telegrama que lhe comunicava a apuração do pleito de 1º de março, onde foi ele diplomado Deputado Federal, pela segunda vez, e sem ao menos ter ido ao Estado do Maranhão.

Com a Revolução de 1930, e assumindo Getúlio Vargas o governo do Brasil em novembro daquele ano, o Mandato de Campos foi cassado, sendo ele perseguido pelo novo governo. Conforme escreve Coelho, Campos então “Foge para o navio Pedro II, que estava servindo como presídio para os políticos do regime extinto” (2005, p. 93).

Campos enfrentou dificuldades financeiras após ter seu mandado cassado, mas tinha a simpatia de pessoas importantes do Governo Provisório que se instalou com a Revolução. Gregório da Fonseca era um deles, e, diz Coelho: “[...] interveio a seu favor junto ao Presidente Getúlio Vargas, que aceita as alegações de que Humberto, doente como estava, não se constituía em ameaça para o novo governo”. (2005, p. 94).

Campos estava sem dinheiro, doente, não tinha mais a renda que o cargo de Deputado lhe dava. Além da doença que lhe afligia, a hipertrofia da hipófise, Campos sofria de graves problemas urológicos que lhe causavam dores intoleráveis, tendo, inclusive, sido submetido a cirurgia para retirada de cálculos renais e usado sonda por cerca de um ano. Nesse período de extremo sofrimento de dores causadas pelos seus problemas de saúde, o Presidente Getúlio Vargas o nomeia diretor da Fundação Casa de Rui Barbosa. Em compensação, segundo Coelho, Humberto lhe envia seu último livro com esta dedicatória: “A Getúlio Vargas, o homem que me venceu duas vezes. Uma pela espada e outra pelo coração”. (2005, p.99).

Campos registrou, em sua obra *Diário Secreto*, em 09 de agosto de 1934 o seguinte:

Decreto do Presidente Getúlio Vargas, nomeando-me, interinamente, para exercer o cargo de diretor da Casa de Rui Barbosa, criado agora, com a reforma que sofreu essa instituição. E eu em casa, padecendo estas dores que me não deixam, e cortando sempre cada consolo com dois gemidos!... Senhor, por que hás de misturar sempre, como fizeram ao teu filho, os maus homens de Jerusalém, um pouco de fel ao vinho com que os corações compadecidos procuram aliviar a minha sede? (CAMPOS, 2014, p. 160).

Encontramos no seu *Diário Secreto*, com data de 23 de setembro de 1934, o seguinte registro:

Chega do Maranhão, e é publicada pelos jornais, a chapa oficial de deputados federais, na qual se acha incluído o meu nome. Das três que vão ser sufragadas no estado é a pior. O “Jornal do Brasil”, folha contrária, aqui no Rio, ao partido que me apresenta, publica um artigo

a meu respeito, louvando a minha escolha e dizendo que o meu nome podia ser sufragado por qualquer Unidade da Federação, pois que se trata de um nome verdadeiramente nacional. Telegramas do estado criticam a chapa, dizendo só aparecerem, nela, dois nomes que o estado conhece: o de Magalhães de Almeida e o meu. (CAMPOS, 2014, p. 162).

Foi por volta de 1928, diagnosticado com hipertrofia da hipófise, que Humberto de Campos começou uma luta contra essa doença, que lhe reduziu a visão, a audição, e os movimentos dos braços, mas, em 05 de dezembro de 1934, após uma cirurgia feita para aliviar um dos muitos desconfortos que a doença lhe causava, faleceu, após vários anos de enfermidade. Nessa época o autor residia no Rio de Janeiro, no Bairro do Catete, Lago do Machado, nº 21, no apartamento de nº 104, e estava escrevendo uma segunda parte de suas memórias, obra que teve publicação póstuma, que recebeu o título de *Memórias Inacabadas*.

Antes do procedimento cirúrgico que resultou em sua morte, Campos havia dito que não queria mais receber a anestesia raque, preferindo a geral, mesmo com todos os riscos, pois, segundo ele, sofrera na cirurgia anterior com a outra anestesia. Já quase encerrado todo procedimento, surgem complicações cardíacas, e morre Humberto de Campos, aos 48 anos de idade. O autor faleceu em época de plena popularidade, era o cronista mais popular entre o grande público leitor, tido como o membro da Academia Brasileira de Letras mais atuante e produtivo da época.

Após a morte de Humberto de Campos, no início de 1935, Francisco Xavier começou a publicar crônicas e romances psicografados, atribuindo suas autorias ao espírito de Campos. Essas publicações foram sucesso de venda, mas geraram grande polêmica, e até litígio, com a viúva do autor ingressando na Justiça, através de uma ação declaratória, que devia declarar, por sentença, se aquela obra editada pela Federação Espírita Brasileira era ou não de autoria do espírito do escritor Humberto de Campos. O caso foi polêmico. Humberto de Campos era conhecido em todo o Brasil, e houve até o pedido de uma Carta Precatória para que o espírito do mesmo fosse convocado a testemunhar. Ao final o Juiz decidiu pela carência da ação e o caso foi arquivado. A obra que gerou toda a polêmica continuou a ser publicada, porém agora com o pseudônimo Irmão X, isso em acepção ao famoso pseudônimo usado por Humberto de Campos, o Conselheiro XX.

Em Parnaíba/PI, no ano de 1956, foi fundado um Centro Espírita que recebeu o nome de Centro Espírita Humberto de Campos, onde o poeta médium maranhense Alarico José da Cunha psicografou mensagem atribuída a Humberto de Campos.

A obra de Campos *Diário Secreto*, a qual o autor nunca havia publicado, teve publicação póstuma. Campos deixou a obra nos cofres da Academia Brasileira de Letras para que a mesma fosse publicada quinze anos após sua morte. Quando publicado, o livro foi alvo de muitas críticas e gerou grande polêmica, pois nele o autor faz críticas sarcásticas e severas a personalidades da política e do mundo literário do Brasil, deixando suas impressões pessoais a respeito dessas figuras importantes, tais como Machado de Assis, Olavo Bilac e Getúlio Vargas, entre outras. A publicação, na época, foi feita pela revista *O Cruzeiro*, e, com toda a polêmica causada, fez muito sucesso, mas despertou a fúria de muitos, que se sentiram desmoralizados nas memórias ali registradas. Em 2014, com os oitenta anos do falecimento do autor, a obra teve nova edição, com seleção e organização de Aline Haluch, numa coletânea de título *Humberto de Campos – Renascendo 80 anos depois*, edição utilizada nesse trabalho.

Parte substancial da bibliografia de Humberto de Campos está nas coletâneas de seus escritos, ricos instrumentos na análise dos anos 1910, 1920 e 1930 no Brasil. O autor nasceu no Brasil escravocrata, tem memórias desse país em suas crônicas na obra *Memórias*, e escreveu até a Revolução de 1930. Suas memórias são importantes na análise da vida cotidiana e literária desse país. Paradoxalmente, pouco se encontra na literatura sobre Humberto de Campos.

O autor faleceu após ter recebido reconhecimento literário por sua obra *Memórias*, objeto dessa pesquisa. Em seu livro *Diário Secreto*, de publicação póstumas, Humberto de Campos escreve no dia 1º de fevereiro de 1933, com entusiasmo, sobre um artigo que recebera de São Paulo, escrito sobre sua obra *Memórias*, assinado por Mota Filho, publicado na *Folha da Manhã*. E diz Campos, a respeito da crítica positiva recebida: “E compara-me a Rousseau, a Cellini, e a Anatole, na coragem vitoriosa com que realizei essa obra de autodissecação ...” (2014, p. 141). A continuação dessa obra *Memórias*, Campos não teve tempo para terminar, falecendo antes de concluir o que seria o segundo volume, que recebeu o nome de *Memórias Inacabadas* e teve publicação póstuma com os capítulos que já estavam prontos e foram reunidos e editados.

Na Academia Brasileira de Letras foi sucedido por Múcio Leão.

O escritor Macário de Lemos Picanço escreveu sua biografia. Outros também escreveram sobre Humberto de Campos. Há biografia do autor escrita pelo seu filho, Humberto de Campos Filho. Essas biografias, entretanto, não foram consultadas nessa pesquisa. Escolhemos trabalhar com a biografia escrita por uma autora maranhense, como Humberto de Campos, e que, como ele, residiu (ainda reside) em Parnaíba/Piauí, local onde ocorreu os fatos narrados na maior parte das crônicas escritas na obra escolhida para a pesquisa, o livro *Memórias*. O biografado, sem dúvidas, foi o seu maior biógrafo.

2.2 OBRA

Humberto de Campos foi um homem que vivia para a literatura. Escreveu até os últimos dias de sua vida e deixou uma vasta obra literária. Escritor realista na prosa e parnasiano em poesia, Campos usou vários pseudônimos na sua vida literária, sendo o mais famoso dele o Conselheiro XX. Outros também são Almirante Justino Ribas, Luís Phoca, João Caetano, Giovanni Morelli, Batu-Allah, Micromegas e Hélios. Embora o período justifique sua classificação como escritor realista, Campos, em sua obra, conseguiu ultrapassar esse período. O autor encontrou uma forma de unir o gênero crônica, o mais utilizado em sua produção literária, às suas memórias, numa época em que obras memorialísticas estavam apenas começando a serem escritas no Brasil.

O primeiro livro que publicou foi *Poeira* (poesias), quando tinha 24 anos de idade, em 1910, editado em Portugal. *Memórias*, obra utilizada na presente pesquisa, publicou em 1933, pouco antes de sua morte.

Sobre *Memórias*, de onde foram retiradas as crônicas objetos da pesquisa desse trabalho, Coelho (2005) expressa:

Memórias é, na verdade, um majestoso, apaixonante e humano painel de pequenas e grandes histórias, que se fundem para formar um verdadeiro romance. Neste aspecto, a obra de Humberto de Campos – onde se nos deparamos, em todos os momentos, com instantes de sofrimentos, de coragem, de determinação, superação e enorme ternura – nos lembra, em sua estrutura, o romance *Vidas Secas*, escrito por Graciliano Ramos sobre a vida dos retirantes nordestinos. (COELHO, 2005, p. 119).

Quando morreu Campos estava escrevendo o que seria a segunda parte de suas memórias. Os capítulos que já estavam escritos foram reunidos e foram editados numa publicação póstuma com o título de *Memórias Inacabadas*. Logo após sua morte, o médium Francisco Xavier publicou vários livros que teriam sido escritos pelo espírito de Humberto de Campos, mas, após um litígio com a família, o nome do autor foi retirado das publicações e substituído por um pseudônimo, o Irmão X. O *Diário Secreto* foi outro livro de Humberto de Campos de publicação póstuma, este que o autor deixara nos cofres da ABL com determinação para publicação quinze anos após o seu falecimento. Publicado, gerou polêmica e ira em muitos, pois contém impressões pessoais do autor nada agradáveis sobre personalidades do mundo político e literário, bem como relatos de fatos bem desconcertantes envolvendo vários dessas personalidades.

Na pesquisa que realizamos, ficamos surpresos por termos encontrado tão pouco da obra tão vasta de um escritor que foi considerado o mais lido numa década emblemática como foi a década de 1930. Coelho afirma: “...o mais importante de sua lavra, conforme a crítica...” (2005, p. 73) O seu legado é formado de mais de quarenta obras, composta de poesias, contos, crônicas, críticas e memórias. Com a biografia de Coelho, em pesquisa, no presente trabalho, descobrimos, inclusive, que Campos escreveu uma peça teatral, intitulada *Fora de Sério*, segundo a biógrafa, numa parceria com Jardel Jercolis, e que foi encenada no *Teatro Glória*, no Rio de Janeiro.

Em pesquisa literária atual, no pouco que encontramos, destacamos a crônica “A mosca azul”, que está numa coletânea intitulada *As cem melhores crônicas brasileiras*, da editora Objetiva.

Em pesquisa bibliográfica realizada nesse trabalho, em consulta a obras tradicionais de história literária, dos autores Afrânio Coutinho (*A Literatura no Brasil*, Editora Global, 1997), Carlos Nejar (*História da Literatura Brasileira*, Editora Leya, 2007), Alfredo Bosi (*História concisa da literatura brasileira*, Cultrix, 2006); Massaud Moisés (*A Literatura no Brasil através dos textos*, Editora Cultrix, 2007) e Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Tomás de Aquino e Zina C. Bellodi (*Antologia Comentada de Literatura Brasileira*, Editora Vozes, 2006), apenas nessa última obra citada encontrei menção a autor Humberto de Campos, citado no Capítulo destinado ao período Realista, no qual foi referenciado o aspecto memorialístico de sua obra, através da crônica “Um amigo de Infância”, ao lado do escritor Joaquim Nabuco,

com o seu texto “Massagana”, onde os dois textos são citados como ponto alto da memorialística da Literatura Brasileira. Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, Campos é discretamente citado, em momento em que outro autor é referenciado.

Uma das muitas crônicas do livro *Memórias* ganhou um destaque especial e se tornou possivelmente a mais conhecida da referida obra. A que está no Capítulo XXXII, intitulada “Um amigo de infância”, onde Campos fala do seu amado cajueiro que ele próprio plantou na sua casa, em Parnaíba. No ano de 1941, na administração do Prefeito Mirócles Veras, a Prefeitura de Parnaíba construiu uma praça ao redor desse cajueiro e o local é aberto à visitação pública.

Em 14 de agosto de 2010 foi inaugurado, em Parnaíba, em um salão da APAL (Academia Parnaibana de Letras), onde Humberto de Campos é patrono de uma das cadeiras, o Memorial Humberto de Campos, onde estão expostos alguns pertences do autor.

Obras do autor:

Poeira, poesia, 2 séries (1910 e 1917), *Da seara de Booz*, crônicas (1918), *Vale de Josaphat*, contos (1918), *Tonel de Diógenes*, contos (1920), *A serpente de bronze*, contos (1921), *Mealheiro de Agripa*, vária (1921), *Carvalhos e roseiras*, críticas (1923), *A bacia de Pilatos*, contos (1924), *Pombos de Maomé*, contos (1925), *Antologia dos humoristas galantes* (1926), *Grãos de mostarda*, contos (1926), *Alcova e salão*, contos (1927), *O Brasil anedótico*, anedotas (1927), *Antologia da Academia Brasileira de Letras* (participação, 1928), *O monstro e outros contos* (1932), *Memórias 1886-1900* (1933), *Crítica*, 4 séries (1933, 1935, 1936), *Os países* (1933), *Poesias completas* (reedição poética, 1933), *À sombra das tamareiras*, contos (1934), *Sombras que sofrem*, crônicas (1934), *Um sonho de pobre*, memórias (1935), *Destinos* (1935), *Lagartas e libélulas* (1935), *Memórias inacabadas* (1935), *Notas de um diarista*, 2 séries (1935 e 1936), *Reminiscências*, memórias (1935), *Sepultando os meus mortos*, memórias (1935), *Últimas crônicas* (1936), *Contrastes* (1936), *O arco de Esopo*, contos (1943), *A funda de Davi*, contos (1943), *Gansos do capitólio*, contos (1943), *Fatos e feitos* (1949), *Diário secreto*, 2 vols., memórias (1954).

Humberto de Campos também escreveu histórias infantis, que foram reunidas (revista *Tico-Tico*) e editadas em um livro intitulado *Histórias Maravilhosas*.

3 CRÔNICA - O GÊNERO

Segundo Jorge de Sá (2001), a primeira crônica escrita em terras brasileiras é a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, endereçada ao então rei de Portugal, falando da nossa terra recém descoberta. Afirma o autor:

Perdendo a extensão da carta de Caminha, conservou a marca registro circunstancial feito por um *narrador-repórter* que relata um fato não mais a um só receptor privilegiado como el-rei D. Manuel, porém a muitos leitores que formam um público determinado. (SÁ, 2001, p. 7)

Esses muitos leitores, inicialmente de um determinado jornal/revista onde a crônica é publicada, pois é onde ela nasce. E escreve SÁ: “A história da nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica”. (2001, p. 7).

Evidentemente as crônicas contemporâneas se distanciaram muito da estrutura e função das crônicas do descobrimento e outras que eram produzidas pela monarquia portuguesa. As narrativas que hoje lemos em jornais e livros possuem uma linguagem solta e permeada de criatividade, guardam em comum apenas o registro de eventos circunstanciais do dia a dia, misturando ficção e realidade.

Inegável ser o princípio da crônica registrar o circunstancial, o episódico, mas não é objetivo do cronista informar: essa função está destinada ao jornalista de ofício, pois o cronista, embora tenha o cotidiano como sua matéria constante, almeja transcender a objetividade deste, extraindo dos acontecimentos diários encanto e magia, e é munida de outros elementos especificamente literários, como o humor, que a crônica se afasta da reportagem propriamente dita, para cumprir sua função de recriar o fato com a sensibilidade peculiar do cronista.

Segundo Moisés (2012), há dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto. Expliquemos: a poesia está ali, no acontecimento rotineiro, cabe ao cronista, com sua sensibilidade própria, percebê-la, e deixar que o “eu” lírico aja, e assim, naturalmente seja capaz de despertar a sensibilidade do leitor. O lirismo não descaracteriza a crônica, visto que existe poesia no cotidiano, mas a narrativa, diferente da poesia, tende a afastar a crônica da sua natureza, e a aproximá-la do conto e da reportagem, jogando-a para um espaço que não é o seu.

Moisés (2012) estabelece como lugar ideal para a crônica o meio-termo entre acontecimento e lirismo, descrevendo a crônica como a “poetização do cotidiano”.

Como características específicas do gênero temos a sua brevidade, sendo a crônica normalmente um texto curto, e a subjetividade, tendo seu foco narrativo na primeira pessoa do singular. Ao cronista o que interessa é a sua percepção das coisas. Há um procedimento dicotômico: um monólogo no que se refere a uma reflexão pessoal, voltada para o íntimo do autor, e um diálogo virtual que o cronista mantém com o leitor. É, pois o gênero, ao mesmo tempo um monólogo e um diálogo.

É a crônica um gênero que soma jornalismo e literatura, oscila ela entre a reportagem, o relato objetivo de um acontecimento rotineiro, e a reconstituição desse fato através do lirismo do cronista. A crônica associa leveza e criticidade, e essa visão crítica do escritor é narrada muitas vezes através do humor. Sá afirma que o humor, na crônica, “assume a função de recuperar a poesia, confirmando que a crônica e seu contexto jornalístico são uma realização literária sempre”. (2001, p. 33).

Entretanto, Jorge de Sá, quando no Capítulo 5 escreve sobre o cronista Lourenço Diaféria, sobre o humor na crônica, alerta:

Rir, portanto, não é uma forma de amenizar a dor. O que o cronista deseja é exatamente provocar o riso irônico através do qual expressamos a nossa indignação diante da arbitrariedade que não respeita os mais simples objetos. (SÁ, 2001, p. 42).

O fato de estar direcionada ao público de jornal e revista, e ter como matéria assuntos do cotidiano efêmero, é fator limitante para a crônica. Nascendo no jornal, é compreensível ser a crônica limitada ainda pela ideologia do periódico e pelo espaço físico destinado a ela no jornal. Segundo Jorge de Sá (2001), a riqueza estrutural da crônica nasce em função dessa economia: o cronista tem a missão de tornar o texto estruturalmente belo sem deixar de ser fiel aos fatos e circunstâncias, pois o que foi vivido é o que realmente conta, é o que torna o texto intenso, sem esquecer que é característica básica da crônica ser, contudo, um texto leve, porém de visão crítica, um texto que tem como objetivo ir à essência do fato, sem, entretanto, aprofundar-se nele.

Aqui em relação ao jornal, que é onde a crônica nasce, sobre o limite de espaço, explica Sá:

Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (SÁ, 2001, p. 8).

É o cronista, pois, um observador atento a todos os fatos do cotidiano, até os mais efêmeros, e a crônica surge quando o acontecimento cotidiano consegue estabelecer um laço com a sensibilidade do cronista, aflorando do seu íntimo o fato sob uma nova roupagem.

Registrando fatos casuais, pois a crônica é gênero destinado a ser criação breve e leve, episódios captados por seu olhar atento, o cronista usa de certa liberdade para escrever explorando a função poética da linguagem, buscando criar significados vários a partir do que viu, mostrando ao leitor o que não foi visto, e o leitor, em seu diálogo com o cronista, também recria e confere significados ao acontecimento. Assim sendo, estando a crônica ligada diretamente à oralidade, é missão do cronista captar o breve momento, aquele acontecimento rotineiro que até poderia ter passado despercebido, e, usando de uma sensibilidade própria, torna-lo significativo.

Com sábia magia o cronista começa a discorrer sobre um determinado tema, e acaba conduzindo o leitor a outro, bem mais complexo, e dessa forma o cronista transcende o acontecimento, mas de maneira que permite ao leitor compreender com facilidade e naturalidade, sem precisar aprofundar-se em conhecimentos outros. O cronista consegue alcançar, despertar a sensibilidade do leitor, com leveza.

Por nascer no jornal, é característica da crônica a transitoriedade própria desse veículo. A urgência exigida na elaboração da crônica, considerando o seu meio veicular, a deixa mais próxima de uma conversa informal do que propriamente do texto escrito, e a ideia de diálogo na crônica sempre deve prevalecer. Mas o cronista, ao reescrever o fato e nos mostrá-lo recriado num texto belo, não foge das regras técnicas que o gênero exige. Diz Sá:

À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a

magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. (SÁ, 2001, p. 10/11).

O cronista tem urgência, tem pressa em escrever, porque assim o jornal exige, e precisa fazê-lo eliminando os excessos, mas isso sem deixar escapar o que precisa ser visto; e escreve com o cuidado necessário para tocar, provocar, comover, e alcançar o mais íntimo da alma do leitor. A crônica recria o real, o elabora sob um novo prisma, retomando a notícia puramente jornalística captando sua beleza, seu encanto, ultrapassando os limites da realidade posta na notícia dada pelo jornalista de ofício, para chegar numa mais profunda essência do fato, e é assim, segundo Jorge de Sá (2001), que “a linguagem jornalística desempenha a função poética”.

Contudo, afirma Sá:

Mas esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária. Pois só assim o cronista pode aspirar à transformação do episódico em alguma coisa mais duradoura, mais exemplar. (SÁ, 2001, p. 22).

Escrever crônica é trabalhar a arte do equilíbrio entre a ficção e a não-ficção, e são a surpresa, o devaneio, a multiplicidade de assuntos que a crônica oferece, pois qualquer tema do cotidiano serve de assunto para a crônica, que a tornam tão interessante e que também, de certa forma, acabam por contribuir para a sua transitoriedade e para o seu esquecimento.

Sendo produto do improvisado, da urgência, do imediatismo do jornal, a crônica não depreende, de início, o formato do livro, mas quando selecionada pelo seu autor, ou por um organizador, passando a integrar uma coletânea, a crônica, nesse novo contexto, adquire novas significações, procurando fugir da transitoriedade jornalística, e os vínculos circunstanciais do gênero acabam por ser amenizados.

Com a mudança de suporte do jornal para o livro o leitor passa a ter uma atitude mais crítica diante do texto, movido pela maior liberdade que essa nova leitura agora lhe proporciona, inclusive com a escolha de um melhor momento para a leitura, e maior possibilidade de releitura, e isso torna a leitura do texto mais reflexiva do que quando feita no jornal.

Foi estendendo seus limites ao livro que a crônica passou a receber maior respeito da crítica literária, e é nesse novo veículo que adquire existência menos fugaz. Mas é óbvio que a crônica perde um pouco de sua magia quando lida numa coletânea, pois, na sua essência, o gênero pede uma leitura individualizada, como se a urgência, o inesperado que é captado e veiculado na transitoriedade do jornal, fosse parte da sua natureza.

Sobre uma leitura crítica da crônica, afirma SÁ: “A crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação”. (2001, p. 78/79)

Em meio a essa urgência exigida no jornal, nascedouro da crônica, o cronista desenvolve sua sensibilidade na percepção das coisas diárias, e assume a responsabilidade de transferir ao leitor a realidade numa visão emotiva e sensível, relatando fatos individuais de forma a serem vistos e sentidos como acontecimentos da vida de todos nós. Sobre isso SÁ analisa:

Nesse processo de purificação em que se juntam o autor e a sua contrapartida, que é o leitor, os sentimentos perdem o caráter de expressão da alma solitária e ganham a dimensão de lirismo reflexivo e participante da imensa dor coletiva. Recompôr a própria história individual é um jeito de o cronista nos ensinar a compor a nossa história na condição de pessoas ligadas a tantas e tantas heranças culturais. (SÁ, 2001, p. 14/15).

Assim, ao recriar a própria história, o cronista ensina a compor a nossa história como ser que inserido numa coletividade que todos nós somos, e, segundo Jorge de Sá (2001), é na representação do coletivo que nos identificamos. O cronista está ali narrando fatos com os quais o leitor se identifica, e é através da percepção de cronista, que ele consegue expor no momento em que narra os acontecimentos, que o leitor consegue ver e ir além do seu primeiro olhar.

Diz SÁ: “Queremos ver mais longe – para frente e para trás -, e só o conseguimos com o auxílio de quem nasceu para narrar o mundo” (2001, p. 15). E narrando o mundo o cronista narra a si próprio.

Sabidamente explica SÁ: “Portanto a função da crônica é aprofundar a notícia e deflagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante”. (2001, p. 56).

4 MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI

Em seu livro *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, a crítica Ecléa Bosi analisa:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. (BOSI, 1998, p. 46/47).

Ainda segundo Bosi (1998), ao citar o teórico Henry Bergson, discorre sobre dois tipos de memória: a memória que atua no presente do homem, que surge da repetição, e que o faz agir automaticamente sobre as coisas de determinada forma (memória dos mecanismos motores), criando um hábito, e a memória composta de lembranças específicas, que trazem à tona o passado. É a memória o que consegue manter vivo o passado.

Adentrando no pensamento que segue a linha de Maurice Halbwachs, que estuda a memória como fenômeno social, e escreve, seguindo o entendimento do sociólogo: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. (1998, p. 54). Podemos constatar que muito do que recordamos não são exatamente “nossas” lembranças, muito tendo sido assimilado desses convívios sociais que permeiam a nossa existência, e que se incorporam em nós de forma tão profunda que acabamos por nem saber em que momento elas se tornaram “nossas”, sendo esse processo algo que ocorre de forma tão natural que nem percebemos. De toda sorte, a memória de um grupo é formada por memórias individuais.

Bosi (1998) realça que na maioria das vezes lembrar não está relacionado a voltar ao passado, mas sim a reconstrução dele a partir do pensamento de hoje. Ora, nossas lembranças são formadas no contexto em que vivemos no nosso presente, e, portanto, a partir das representações que dispomos naquele momento em que as resgatamos. Sendo como somos seres em crescimento constante, estando como estamos sempre caminhando para frente, não podemos atribuir as lembranças que temos do nosso passado a mesma representação de agora àquela

que tivemos, por exemplo, na nossa infância, pois não somos mais aquela criança, e nossas verdades, nossos conceitos, nossos valores são outros, frutos da identidade que fomos construindo ao longo do tempo.

A autora, embasada no pensamento de Halbwachs, cita o exemplo da releitura feita por uma pessoa adulta de uma obra que lera em tempos longínquos, fazendo analogia à memória. Ao iniciar essa releitura, constata-se que, na verdade, muito havia se perdido e estava no esquecimento, e, diferente do que o leitor acreditava, não mais é tomado pela emoção da primeira leitura. Também agora pode ele perceber coisas que não havia assimilado antes. O que parece agora é que tratar-se da leitura de um novo livro.

Isso acontece porque as representações são alteradas com o passar do tempo, de acordo com o crescimento de cada indivíduo e sua realidade nesse novo contexto que é a vida adulta, onde o olhar crítico leva a caminhos diferentes da leitura de outrora. Tudo isso leva ao entendimento de que não se trata de reviver a experiência do passado, e sim de reconstruí-la. Assevera Bosi: “O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez.” (1998, p. 58).

A escrita de si é uma modalidade literária que constitui uma narrativa em primeira pessoa, na qual o narrador se identifica explicitamente como autor biográfico e onde o discurso desse autor empírico transita entre o real e o ficcional.

Na escrita de si estão os diários, memórias e os demais textos escritos em primeira pessoa. Afirma Klinger que “[...] a autobiografia se desenvolve como correlato do individualismo burguês [...]” (2007, p. 47).

No texto autobiográfico, o narrador procura objetivar o *eu* que fala, buscando ser/parecer verdadeiro; através da introspecção e da escrita de sua vida, tenta encontrar a sua própria significação e justificar sua subjetividade para si mesmo e para o outro.

A autobiografia busca eternizar a identidade do biografado. Aquele de quem se fala é desligado de quem fala, pois, só fazendo de si próprio e do seu passado seres estranhos os quais pode observar do lado de fora, o narrador poderá ser biógrafo da sua biografia.

Diz Klinger:

[...] a escrita de si não é nenhum aspecto moderno nascido da Reforma, nem um produto do romantismo; é uma das tradições mais antigas do Ocidente – uma tradição já bem estabelecida, profundamente enraizada, já quando Agostinho começa a escrever suas *Confissões*, que geralmente são citadas como o primeiro referente de uma escrita autobiográfica. (KLINGER, 2007, p. 26).

Klinger (2007) nos dá conta de que a escrita de si está presente nos séculos I e II através dos *hupomnêmatas* e nas correspondências. Os primeiros eram uma espécie de caderno de anotações, individuais, nas quais o indivíduo anotava citações, pensamentos, trechos de obras, mas não constituíam escritos sobre o próprio indivíduo que o tinha, e eram guardados para releitura e reflexão sobre seu conteúdo, de forma individual ou coletiva. Já a correspondência, embora seja destinado ao outro, ao escrevê-la, o autor está, de alguma forma, projetando para si mesmo aquilo que escreve, além do que, através dela, se faz presente na vida do outro, afinal, conforme KLINGER, “escrever é se mostrar, se expor”.(2007, p. 27). Essas duas categorias mostram que a preocupação era com o cuidado de si.

Para o cristianismo esse cuidado de si é substituído pelo conhecer-se a si próprio onde o indivíduo. Segundo KLINGER, “o cristianismo constrói outra concepção da subjetividade, em cujo fundamento está a renúncia: é pela renúncia ao mundo terreno que a subjetividade se forja face a um Deus impessoal e onipotente” (2007, p. 28). É através da confissão de suas falhas para o outro, na construção da verdade, que o indivíduo alcança a purificação de sua alma e se aproxima de Deus. Através da escrita de si, quando o homem então voltava-se para o seu interior, conhecia ele a si próprio, entendia sua natureza humana, e era esse o caminho que o levava a Deus.

Compreende-se então que o cuidar de si da antiguidade pagã foi substituído pelo conhecer a si mesmo do cristianismo ocidental. É com o Renascimento e a Reforma que surge a imagem do homem como ser individual.

Segundo Klinger, “[...] os conceitos modernos de indivíduo e de literatura se pressupõem mutuamente: não existe a forma moderna de literatura antes de que se possa falar de *indivíduo* no sentido moderno, mas também não existe este sem aquele”. (2007, p. 29).

Klinger (2007) continua afirmando que Nietzsche operou a desconstrução do sujeito como visto pelo cristianismo e na modernidade. E diz: “A crítica do sujeito

levada a cabo por Nietzsche implica também a desconstrução da categoria a ele associada de *verdade*". (2007, p.31).

Klinger (2007) afirma que com o estruturalismo, a "morte do autor" presente em Foucault está relacionada ao desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve, afirmando que para Foucault o autor passa a existir como *função autor*, função para a obra.

Com o surgimento da teoria do formalismo russo, gêneros como crônicas, memórias, confissões, cartas e diários foram considerados inferiores, por se tratarem de gêneros da realidade, e, portanto, considerados como gêneros que estão entre o que é literário e o que não o é.

Com a sociedade se modificando e as relações tornando-se mais complexas, o coletivo foi ocupando maior espaço que o individual, foi nascendo a concepção do sujeito como um ser social, e o entendimento de que é na interação social que o sujeito como indivíduo forma a sua identidade.

A narrativa autobiográfica no Modernismo Brasileiro dos anos 20 e 30 objetivava trazer de volta uma experiência não apenas do indivíduo isoladamente, mas também de suas origens, considerando afinal que todo relato de experiência pessoal é também relato de uma época, pois não há um eu solitário, já que o indivíduo está sempre inserido na coletividade e é através dessa coletividade que ele se descobre, se encontra, se mostra.

Considerando que não existe um eu separado do resto do mundo, embora inquestionável seja que cada escrita de si se coloca de acordo com a perspectiva do autor de si mesmo, sob o seu próprio ângulo, ao voltar-se para si na narrativa de sua vida, sendo o indivíduo parte integrante de uma sociedade, vai para muito além de si mesmo: para a memória coletiva.

Com a cultura massificada dos dias atuais o sujeito é cada vez mais visto e inserido no mundo midiático: a cultura é de visibilidade do privado, exploração e divulgação da intimidade do indivíduo. O sujeito, agora fragmentado, passa a ser formado por várias identidades, e o que a escrita de si tenta agora é recuperar essas identidades fragmentadas.

Na atualidade vivemos uma multiplicidade de narrativas de experiências pessoais, um crescimento diário pelo interesse em biografias, autobiografias, confissões em quaisquer meios de divulgação. Registros biográficos na mídia através de testemunhos, reality shows, blogs, perfis, entrevistas, têm tido um

crescimento espantoso. Mídias como o Instagram e o Facebook são apelos constantes de mostrar uma realidade que está mais próxima da ficção do que propriamente do real.

Segundo Klinger (2007), nos dias atuais, a escrita de si e outras formas não escritas de falar sobre si acontecem sintonizados na busca de um efeito de real. Vivemos em um momento no qual a subjetividade visa constante a aprovação do outro e assim vivemos em meio a uma apelação diária em nos deixarmos ser vistos, sendo essa quase uma necessidade para sentirmos que estamos realmente vivos. Queremos ser vistos e queremos ver o outro, e nessa ansiedade diária, através de tantos recursos da mídia, o que é real acaba por transformar-se em ficção.

O que diferencia uma narrativa ficcional da biografia e da autobiografia é o pacto que o autor estabelece com o leitor, que pode ser ficcional ou referencial.

A garantia de existência real de quem fala e do que é dito está presente nos textos biográficos e autobiográficos através de pacto estabelecido com o leitor, por meio do qual, a partir de vários indicadores que o autor deixa no texto, oferece informações que atestam uma realidade.

É principalmente o contrato de identidade estabelecido pelo nome do autor da obra o elemento definidor da autobiografia, pois é através desse “princípio de identidade”, através do nome e/ou de outros elementos, que o autor é garantidor de que autor, narrador e protagonista são um só. Segundo Klinger (2007), é essa identidade entre autor e narrador que estabelece o pacto autobiográfico. A citação de fontes e documentos dão maior prova da verossimilhança, e a preocupação do autor é garantir a veracidade do que diz.

Embora a obra autobiográfica carregue no seu texto um discurso de verdade, é também, como toda literatura, arte, e é com a leitura e a interpretação do texto que o leitor finalmente decide o que é autobiográfico ou ficção. De toda sorte, conforme afirma Klinger (2007), a autobiografia pura não existe.

A experiência vivida pelo indivíduo é o centro do que é narrado na autobiografia e nas memórias. Porém, nos textos autobiográficos a ficção está presente para afirmar a impossibilidade de uma representação pura da realidade, em contrapartida à existência da influência do real, através das experiências vividas do autor, no mundo da narrativa ficcional.

Como já dito, o texto autobiográfico, através do pacto referencial que o autor estabelece com o leitor, hipoteticamente assegura a veracidade do seu conteúdo,

dando ao leitor a garantia de que o que ali está escrito deve ser tido como verdadeiro. Mas as recordações, as lembranças, nem sempre estão completamente límpidas na memória do autor, e, portanto, são arrematadas pelo poder criativo desse autor empírico. Acrescenta-se que, ao narrar sua própria vida, esse autor pode omitir fatos, bem como dar profusão a outros, tudo conforme seja mais conveniente para si.

Os relatos não-ficcionais na realidade estão problematizados por duas premissas: não podem ser considerados ficcionais já que os fatos relatados realmente aconteceram, e não podem ser tidos como verdade absoluta, como na narrativa realista. Enquanto no texto ficcional o autor diz ao leitor que a narrativa é de fatos que não ocorreram (embora pudessem ter ocorrido), nos textos não-ficcionais o autor diz ao leitor que, mesmo quando parecem fictícios, os fatos narrados aconteceram.

Nos textos autobiográficos há, pois, um comprometimento duplo do autor com o leitor: o já citado “pacto referencial”, onde o autor apresenta o que está sendo narrado como um fato real, ocorrido, e que pode ser verificado e comprovado pelo leitor, bem como o já também falado “princípio da identidade”. Todas essas garantias de verdade estão presentes nos indicadores constantes na obra autobiográfica. Por serem a biografia e a autobiografia textos literários cujos discursos estão conectados a pactos referenciais, mostrando uma realidade que está fora do texto, são passíveis de verificação, e, portanto, diferem dos textos ficcionais. Porém, sendo o discurso autobiográfico fundamentado nas memórias do autor, aqui o pacto referencial não está necessariamente relacionado à possibilidade de verificação, mas sim à relação estabelecida entre autor e leitor, quando o autor, ao narrar sua história, diz que ali está a verdade.

Segundo Costa Lima (1986, apud Klinger, 2007), os escritos do gênero memorialístico são uma versão pessoal da história. A ficção, por sua vez, ocupa um espaço que ultrapassa o biográfico. Na auto-ficção não há o comprometimento do fato relatado com uma realidade anterior a ele: o autor deixa claro ao leitor que narra sem garantir que o que diz seja a verdade. Segundo Klinger (2007), a auto-ficção é uma narrativa híbrida onde a ficção de si tem como referente o autor, não como pessoa biográfica, mas como personagem que é construído no discurso, este que não está ligado a um referente extra-textual, muito embora não esteja totalmente desconectado dele.

Narrar a si próprio é, de certa forma, uma procura de dar significado à própria vida. Na literatura contemporânea vemos a complexidade que é a representação de si próprio, não sendo possível assegurar atualmente que um texto é unicamente autobiográfico, considerando que muito nos mostra o quanto é impossível uma apreensão completa da vida, um resgate absoluto dos fatos através da memória do autor, bem como uma identidade imutável do sujeito.

Segundo Bosi (1998) só quando levamos o sujeito a escrever sua própria biografia é possível perceber a forma predominante de memória desse indivíduo. E diz: “A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (1998, p. 68).

Nas crônicas selecionadas da obra *Memórias*, de Humberto de Campos, analisamos como a escrita de si está presente, de que forma o autor construiu seu discurso autobiográfico na narrativa de fatos ocorridos na sua infância, e que relação o autor construiu com o leitor nessa construção.

5 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

Ao escrever suas memórias, percebemos que o autor o fez num esforço de dar sentido à sua vida, traçando sua trajetória em uma busca de também justificá-la.

Ao analisarmos a obra *Memórias*, objeto dessa pesquisa, compreendemos a complexidade da representação de si mesmo. Os fatos tristes que marcaram a infância do autor, a presença marcante da figura materna, as pessoas que tiveram influência forte em seus anos de menino, tudo isso mistura-se aos sonhos e brincadeiras da criança pobre e órfã, resultando em relatos de momentos que ficaram gravados em sua memória, escritos, obviamente, sob a perspectiva do seu protagonista, o próprio autor, numa busca de significar a sua própria história nesse mundo.

As histórias relatadas nas crônicas escolhidas nesse trabalho referem-se não apenas a pessoa do autor Humberto de Campos, mas também a lugares e pessoas intimamente relacionadas aos fatos narrados. A casa do autor, o cajueiro-amigo de infância, os parentes, as ruas e calçadas onde a vida acontecia, a natureza tão presente na meninice do autor, estão entrelaçadas aos fatos contados nas crônicas (ver apêndices A, B e C).

Na leitura das crônicas percebemos, no texto carregado de emoção, o processo de voltar o olhar para o passado, e de contar sobre ele, agora vivendo uma outra realidade, bem como o desejo de mostrar, através da narrativa de sua história, que é possível, ainda que a vida seja repleta de dificuldades, superar os obstáculos e vencer.

A narrativa das memórias pode ser dolorosa se o biógrafo não faz a necessária ruptura entre o sujeito biografado e o objeto. Essa ruptura, na prática, nunca é fácil quando estamos falando de autobiografias. Na autobiografia de Humberto de Campos constante do período escrito no livro *Memórias*, encontramos nas crônicas selecionadas o conflito vivido pelo biógrafo na narrativa e fatos vividos numa infância de um menino que, na orfandade precoce, precisou enfrentar repentinamente a pobreza e a dificuldade de uma sequência de mudanças inesperadas na família.

Em *Memórias*, na crônica “*Morros*”, relembra os meses em que passou na no arraial denominado Morros da Mariana, na ilha Grande, também conhecida como Ilha de Santa Isabel, que faz limite com o município de Parnaíba, quando, por

necessidade financeira, alugaram por algum tempo sua casa, em Parnaíba, e fala da pobreza em que viviam:

Os recursos de que minha família aí dispunha para viver, eram minguados e tristes. Um dos meus tios maternos, que ainda se achava em Parnaíba, mandava às minhas tias alguns quilos de café em grão, açúcar, sabão, e dois ou três quilos de cereais. Elas vendiam uma parte desse magro sortimento em pequenas quantidades – uma quarta (100 gramas) de café, uma quarta de açúcar, meia quarta (50 gramas) de sabão, recebendo em pagamento dinheiro, ovos ou peixe. Com os quinze mil réis do aluguel mensal da casa de minha mãe nos Campos, fazia-se o resto da despesa. E passávamos a peixe, ovos, galinha, e juçara, que eram comidos com apetite em nossa pequena casa de palha, calçada de barro batido, e cujo quintal era o mundo. Nesse refúgio da nossa pobreza não havia mesa, mas um estrado e uma esteira. Vivíamos, porém, sem desgostos nem apreensões – a não ser, está bem visto, quando nos engasgávamos com alguma espinha de gurijuba, saboroso bagre da região. (CAMPOS, 1983, p. 227).

O narrador autobiográfico, ao escrever suas memórias, entra num processo profundo de resgate de sua infância/adolescência, de reflexão e questionamentos sobre sua vida, sobre os fatos que aconteceram no decorrer dela, e sobre as escolhas que o levaram ao momento da escrita. Sobre esse momento do resgate das memórias, escreve Bosi: “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (1998, p. 47).

Humberto de Campos escreveu suas memórias numa idade que, considerando a média de vida do brasileiro hoje, diríamos de um jovem homem. O autor faleceu aos 48 anos de idade. Porém, na década de 1930 a realidade era outra, e o autor sofria de várias debilidades físicas que, não estivesse ele tão doente, só na velhice talvez viesse a sofrer. Campos sofria muito e tinha uma vida bem restrita nos últimos anos de vida porque convivia com várias limitações que a doença que causou sua morte lhe trazia. Sentia-se velho e cansado, e essa percepção que tinha de si próprio está em sua obra autobiográfica, notadamente o *Diário Secreto*, onde encontramos escrito no dia 29 de julho de 1934, o seguinte:

Vejo-me no Pará, no salão do Esporte-Clube, aos vinte e quatro anos, poeta e namorado. Minha mulher é quase menina. Menina e moça. Moça e linda. E nós, eu e ela, abraçados, sentindo a respiração um do outro, valsando aquela mesma valsa, o espírito enfeitado de sonhos, a alma enfeitada de esperança, como duas árvores que se cobrem de flores na primavera... A valsa era a mesma. Eram os mesmos os seus acordes. Nós, porém, ali estávamos, mas, quão diferentes do que tínhamos sido na mocidade!... Ela, desiludida e

cansada, desencantada da vida e de tudo. E eu, transformado na mais desoladora ruína de mim próprio!..; Desci os olhos pela minha miséria. Onde estavam as minhas pernas lépidas, meu corpo ágil, minha vivacidade daquele tempo? Contemplei os restos de mim mesmo. (Campos, 2014, p.159).

A imagem que tinha de si quando os problemas de saúde o afligiam, a degeneração de seu corpo, está bem presente na autobiografia de Campos. Em sua obra póstuma *Reminiscências*, no Capítulo XII, “Carta a Menotti Del Picchia”, Campos escreve: “Sendo o dia da minha vida tão breve, meu amigo, por que não trabalhar com todas as forças quando sinto, já, nos olhos, o vestígio das sombras eternas?” (1957, p. 86).

Em *Memórias*, composta de setenta crônicas, Campos narra a sua história, sua infância pobre, após a perda prematura do pai, sua mudança para Parnaíba, uma meninice de travessuras. Vemos na crônica “Travessuras...”, Capítulo X: “Fui, positivamente, nessa fase da vida, um traquinas de primeira classe...” (1983, p. 73). Está registrado na obra as idas e vindas na escola, as alternâncias de aprendizado na escola e trabalho, a família, pessoas que fizeram parte da sua história, a natureza com presença constante na vida do menino Humberto, a imagem marcante da figura materna, uma mãe que, após a chegada à Parnaíba, teve o resto de sua vida, nas palavras do próprio autor, “entrelaçado com a minha”. *Memórias* teve sua narrativa encerrada com os acontecimentos da virada do século, em 1900. A continuação dessa obra teve publicação póstuma, com o que já estava pronto, e recebeu o título de *Memórias inacabadas*.

A publicação de *Memórias* se deu pouco antes de sua morte. No seu *Diário Secreto*, de publicação póstuma, em 1º de janeiro de 1933, Campos fala com orgulho e sentimento de gratidão da conclusão da primeira série de suas memórias:

Por outro lado, o ano que acaba de encerrar-se foi dadivoso comigo no domínio das letras. Publiquei um livro, “O Monstro e outros contos”, que a imprensa e os críticos, em julgamento constante, consideram a melhor das minhas obras até agora publicadas; concluí a primeira série (sic) das “Memórias”, de que já vi, ontem, o primeiro exemplar; vi meu nome crescer na consideração pública; e não senti diante de mim, como em 1930 e 1931, o espectro da miséria. O ano que acaba de desaparecer afundou, em suma, no sarcófago do Tempo, com minha saudade e a minha bênção. Adeus, Ano Bom! (Campos, 2014, p. 139).

Humberto de Campos foi um escritor que viveu para a literatura, e sua vida literária foi dividida entre o jornal e o livro. Moraes (1977 *apud* COELHO, 2005) aponta o seguinte:

Incansável trabalhador das letras, Humberto de Campos foi um escritor que viveu delas e para elas, numa atividade frenética, repartida entre o livro e o jornal. Aliás, em lugar de sugerir uma dicotomia que a rigor não existiu, impõe-se reconhecer que a imprensa e o livro representaram os dois grandes instrumentos de expressão do escritor-jornalista Humberto de Campos. Toda sua obra, a bem dizer, primeiramente apareceu na imprensa, cabendo observar que, grande parte do que produziu teve, em princípio, tal destinação, e somente ascendeu à permanência do livro como função derivada. (MORAES, *Apud*. COELHO, 2005, p. 127).

Campos escreveu as suas memórias utilizando-se do gênero crônica. A leveza, característica deste gênero, demonstra o fato de uma forma reflexiva até mesmo nos escritos de memórias, acontecimentos relacionados diretamente com o autor, como no caso do nosso trabalho. O papel de cronista é destaque na análise da vida do autor considerando o grande número de textos desse gênero que ele escreveu, e, principalmente, que foi com textos desse gênero que Campos obteve sua maior popularidade, notadamente nos seus últimos anos de vida. Foi com suas crônicas que Humberto de Campos tornou-se o autor mais lido dos grandes centros na década de 1930.

Para escrever grande parte de suas crônicas, Campos mergulhou nas suas lembranças de infância, adolescência e juventude, na vida das pessoas que faziam parte desse universo, nas histórias de personalidades do mundo literário, ou seja, no que lhe estava mais próximo. A obra *Memórias* foi escrita seguindo uma ordem cronológica, iniciando-se na infância do autor. Tendo ele optado por estabelecer uma ordem sequencial das setenta crônicas, o livro pode ser lido quase como um romance. É nessa narrativa sequencial que o autor vai traçando sua história e a entrelaçando à história de outros personagens, identificando a si próprio e a tantos outros que estiveram, intimamente ou não, presentes em sua vida.

Segundo Campos, no Prefácio do seu livro *Memórias*, esse foi escrito tendo como principais modelos as *Confissões*, de Santo Agostinho, as *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, e a trilogia autobiográfica *Infância, Ganhando meu pão e Minhas universidades*, de Maksim Gorki. Dessa forma, o autor quis lançar para o leitor a mensagem de que escreveu suas memórias utilizando-se do aspecto

confessional da narrativa. Campos, que se diz inspirado por esses autores, afirma ter sido sincero no relato de suas histórias, e que esse compromisso de fidelidade com o leitor significou contar a verdade por inteiro, inclusive os relatos que poderiam ser para ele os mais embaraçosos, o que identifica sua intenção de mostrar o quão verdadeiro foi em *Memórias*.

Essa garantia de narrar toda a verdade é dada pelo caráter fotográfico da memória, que a coloca como algo estático.

Na crônica “Minha Mãe”, Campos define memória:

A memória é um grande museu de fotografias, em cujos muros consagramos determinado espaço a cada criatura querida. Uma vez cheio esse espaço, temos que retirar os retratos mais antigos, pondo no lugar outros mais recentes, da mesma pessoa. (1983, p. 33).

As lembranças que são trazidas ao presente com imagens que foram guardadas na memória, atualizam momentos que foram únicos. O passado, resgatado em memórias autobiografadas, ressurgem, agora com as percepções atuais do biógrafo. Campos afirma escrever suas memórias em relatos fieis da realidade. Segundo Bosi (1998), as nossas lembranças são para nós uma forma de fazer sobreviver o que está no nosso passado; mas, como transcrevê-las de forma tão fiel aos fatos ocorridos quando estamos inseridos num novo contexto, e se, ao narrarmos, somos assolados pela percepção do agora? Que garantia temos de que não somos traídos por nossas próprias lembranças?

Soma-se a essas observações o que diz Bosi: “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. (1998, p. 39). E, sobre o pensamento de Bergson, diz:

A lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. (BOSI, 1998, p. 55).

Campos escreveu *Memórias* em um outro momento de sua vida, o escritor já era homem feito, reconhecido como literato, esposo e pai, residindo no Rio de Janeiro, portanto bem distante dos momentos que narrou e dos locais onde os fatos narrados se passaram.

Bosi ressalta que Halbwachs faz um paralelo e compara as lembranças da primeira infância às imagens produzida nos sonhos, dizendo que ambas parecem permanecer inalteradas no íntimo da nossa alma, afirmando que as duas “difícilmente se balizam ao longo da série cronológica que cada um de nós organiza quando reconstrói os fatos da própria vida.” (1998, p. 55)

É bem possível que grande parte das memórias de Campos, da sua mais tenra infância, tenha sido incorporada à sua história através do processo de convívio social, e que muitas de suas lembranças tenham sido reconstruídas por terem sido reavivadas por sua mãe. Reafirmando isso, diz Bosi: “Na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família.” (1998, p. 425).

Como exemplo disso, imaginamos uma de suas lembranças, narrada na crônica “Eu”, da obra pesquisada, no Capítulo VI:

Ao recapitular, hoje, os incidentes que assinalaram a minha primeira infância, isto é, o período que vai do meu nascimento até à morte do meu pai, e que abrange os seis primeiros anos de minha vida, encontro unicamente, como fragmentos de azulejos que formassem um quadro destruído, pequenos episódios, cenas ligeiras, e, aqui e ali, modestas figuras familiares. Recordo, por exemplo, que, aos três ou quatro anos, me conduziram a uma festa de pretos, comemorativa do 13 de maio de 1988. É uma das lembranças que se acham mais fundo no oceano da minha vida, o qual tem, hoje, em 1932, quarenta e seis anos de profundidade [...]. (CAMPOS, 1983, p. 48/49).

Aqui percebemos como algumas lembranças estão fragmentadas, nas palavras do próprio autor, e, ao voltarem à tona, no olhar que se volta para o passado do autor, com o distanciamento temporal, são montadas como peças de um quebra-cabeças.

Ao fazer uma analogia dos objetivos de sua obra *Memórias* aos encontrados em Santo Agostinho, Jean-Jacques e Gorki, como dito no Prefácio da obra, Campos afirma ter feito de sua biografia uma confissão de erros e pecados, em busca de redenção. Essa forma narrativa do autor traz um pacto de fidelidade estabelecido entre ele e o leitor, a quem deseja convencer da fidelidade de sua narrativa, mas, como toda tentativa de criar efeito do real, carrega, de forma implícita, elementos ficcionais.

Aqui já dissemos que, na autobiográfica, o narrador procura objetivar o *eu* que fala, procurando demonstrar ser/parecer real a sua narrativa. O autobiografo inicia

um processo de análise íntima e reflexiva, voltando os olhos ao passado em busca do mais profundo de si mesmo, e, escrevendo sua vida, procura achar sentido em si, para si e para o outro.

Klinger (2007) fala sobre a escrita de si, que almeja criar um efeito de real. Campos traz em seu texto autobiográfico detalhes intrínsecos que agem como garantidores de que sua narrativa é real, elementos que são utilizados para aumentar o grau de credibilidade do texto. Escrevendo através do gênero crônica, o autor transparece sua capacidade de perceber com doçura e humanidade os detalhes do que o cerca, e sua capacidade de caracterizar esses detalhes leva o leitor a observar aspectos da vida e coisas do cotidiano que não havia percebido até então, bem como dão o efeito de real buscado pelo autor, pois oferecem ao texto verossimilhança, tendo sido essa a forma de escrita de si a escolhida por Campos.

Muito mais do que apenas seu nome na autoria da obra, a narrativa em primeira pessoa, e seu nome como protagonista, Campos utilizou-se de diversos outros indicadores nos seus textos autobiográficos, repletos de informações sobre pessoas, locais, fatos e datas, estabelecendo um pacto com o leitor, que dá a garantia do real de sua narrativa. Mas, como dito em Klinger (2007), não existe autobiografia pura, embora os textos autobiográficos tragam um discurso de verdade.

Fidelidade na narrativa, esse é o discurso de Campos na sua obra autobiográfica, contudo, nem todas as nossas lembranças de infância estão claras em nós, e é nessas lacunas existentes nas recordações que o autor desempenha sua capacidade criativa, e onde encontramos a ficção nos textos biográficos e autobiográficos. Acrescenta-se aqui que, embora Campos tenha declarado em sua autobiografia seu estilo confessional, não existe garantia ao leitor de que o autor não tenha omitido fatos e/ou impressões pessoais, bem como que não tenha sido categórico em outros/outras por ser mais apropriado para si.

Na crônica do Capítulo IX, “Macacoeira”, encontramos novamente o autor declarações que confirmam as lacunas existentes nas lembranças: “Aos cinco anos a vida é um sonho bom e largo, de que só nos fica a suave lembrança que ordinariamente nos deixam os sonhos.” (1983, p. 67).

Embora exista o pacto referencial das autobiografias, onde o autor afirma que o que diz é a verdade, como toda escrita memorialística, as crônicas objeto desse trabalho são versão pessoal do autor. Bosi (1998) afirma que é função da memória

realizar uma evocação, e é o indivíduo o memorizador, aquele que recorda. Conforme diz, alguns acontecimentos, mesmo que tenham sido testemunhados por muitas pessoas e tenham chegado ao conhecimento de muitas outras, são fatos que têm repercussão íntima e profunda em nós (diferente da memória coletiva, que se desenvolve através da convivência social).

Embora na narrativa de Campos seu pacto com o leitor esteja carregado de elementos garantidores da veracidade de seus relatos, suas memórias de infância foram escritas na sua vida adulta, uma vida bem diferente daqueles dias.

Reflete Sá:

Nesse mundo escuro e medonho, é inevitável que nos tornemos escuros e medonhos. Perdida a infância, só nos resta enfrentar a realidade sufocante, tentando extrair dela motivos de força e luta, aprendendo a conviver com esse *outro* em que somos transformados ao longo da existência. (SÁ, 2001, p. 59).

Foi esse “outro” Campos, “transformado ao longo da existência”, que escreveu *Memórias*. Na crônica “O brinquedo roubado” (que está no Capítulo XXIII, p. 151/156 do livro *Memórias*), o autor, no seu assumido estilo de narrativa confessional, relata um fato ocorrido na sua infância, quando, estando na casa de um dos seus tios “ricos”, presenciou dois primos receberem brinquedos caros e que, aos olhos dele, criança pobre e órfã, eram tesouros que jamais poderia ter, ocasião em que, aproveitando-se da distração dos adultos, deslumbrado com os brinquedos que haviam sido levados para os primos escolherem, e que seriam devolvidas à loja que enviara aqueles “tesouros”, escondeu um deles para si. Mas logo em seguida, no momento em que o dono da loja contabilizou em três, em vez de dois, os brinquedos escolhidos na casa do tio, foi descoberta o seu “furto”.

Todos os meus brinquedos eram, como se vê, brinquedos de menino pobre. Nenhum vinha da loja. É de imaginar, pois, o alvoroço íntimo que me assaltou quando, um dia, tive sob os olhos uma caixa de brinquedos. Eu devia ter oito anos e estava, com minha mãe, em visita, na casa de um dos meus tios, quando, uma tarde, mandaram pedir no estabelecimento comercial de Pires Almeida & Cia., que ficava próximo, alguns brinquedos, para escolher. Havia chegado do Maranhão algumas dúzias deles, e todas as crianças afortunadas tinham tido notícia do acontecimento. (CAMPOS, 1983, p. 153/154).

Como vemos, nas memórias de Campos encontramos o narrador que está constantemente lembrando ao leitor a vida difícil que teve e como isso decorreu da sua precoce orfandade de pai. Época em que a mulher tinha pouca participação na vida econômica da família, notadamente nas famílias que tinham mais recursos financeiros, onde a figura masculina era o provedor do lar. Com a morte prematura do pai, a vida da família (mulher e três filhos) mudou radicalmente, e essa mudança está registrada em muitas crônicas do autor. O narrador se vê como uma criança desafortunada. Em “O brinquedo roubado”, ele diz:

Eu fui um menino que não possuiu, parece, jamais, um brinquedo delicado. É provável que meu pai, nas suas viagens ao Maranhão, me levasse alguma lembrança desse gênero. Mas eu o perdi aos seis anos, e, depois de órfão, minha mãe não podia despender qualquer quantia, mesmo insignificante, com uma gaita, um boneco ou um pandeiro. (CAMPOS, 1983, p. 152).

E diz:

A nossa mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltava tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessário e do supérfluo, doía-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. (CAMPOS, 1983, p. 151).

Aqui percebemos como essa mudança de condição econômica é referenciada como justificativa para algumas condutas reprováveis confessadas pelo autor: “A nossa mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltava tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter.”

Em outros trechos da referida crônica o narrador reafirma sua condição de pobreza e orfandade:

Custava 400 réis cada um. Olhos ávidos, coração batendo forte, eu vi passarem dois brinquedos daqueles para as mãos venturosas da minha prima e do meu primo pequenos. Ninguém se lembrou de mim. Ninguém se apercebeu da minha tristeza, ao ver-me esquecido. Ninguém viu que ali estava um menino órfão, mais infeliz que as outras crianças, e que, por isso mesmo, precisava, mais que as outras, de uma esmola de alegria. (CAMPOS, 1983, p. 154).

– Dois, não; três... – declarou o dono da loja. Recontou os brinquedos e insistiu: – Falta um... Diga lá que falta um... Voltamos. O coração

batia-me como se me quisesse vir à boca tomar fôlego. Eu devia estar lívido, transfigurado. A rapariga deu o recado à minha tia. E todos os olhos se voltaram, de pronto, para o menino órfão. (CAMPOS, 1983, p. 155).

Na crônica “O brinquedo roubado”, ao descobrirem que estava faltando um dos brinquedos que deveriam ter sido devolvidos ao comerciante, novamente o autor fala de sua condição de orfandade, e descreve a si utilizando-se de atributos negativos: “Fui apontado, sem dúvida, às crianças felizes e que tinham pai, como um menino mau, e de costumes tristes.” (1983, p. 155).

Como dito, essa condição de pobreza e o quanto isso influenciou no crescimento do autor, é visto em sua obra, de maneira intensa. Outro exemplo está em *Morros*, na qual ele relembra os meses em que passou na no arraial denominado Morros da Mariana, na ilha Grande, também conhecida como Ilha de Santa Isabel, que faz limite com o município de Parnaíba, quando, por necessidade financeira, alugaram por algum tempo sua casa, em Parnaíba, e fala da pobreza em que viviam:

Os recursos de que minha família aí dispunha para viver, eram míseros e tristes. Um dos meus tios maternos, que ainda se achava em Parnaíba, mandava às minhas tias alguns quilos de café em grão, açúcar, sabão, e dois ou três quilos de cereais. Elas vendiam uma parte desse magro sortimento em pequenas quantidades – uma quarta (100 gramas) de café, uma quarta de açúcar, meia quarta (50 gramas) de sabão, recebendo em pagamento dinheiro, ovos ou peixe. Com os quinze mil réis do aluguel mensal da casa de minha mãe nos Campos, fazia-se o resto da despesa. E passávamos a peixe, ovos, galinha, e juçara, que eram comidos com apetite em nossa pequena casa de palha, calçada de barro batido, e cujo quintal era o mundo. Nesse refúgio da nossa pobreza não havia mesa, mas um estrado e uma esteira. Vivíamos, porém, sem desgostos nem apreensões – a não ser, está bem visto, quando nos engasgávamos com alguma espinha de gurijuba, saboroso bagre da região. (CAMPOS, 1983, p. 227).

O narrador reafirma como justificativa de suas faltas essa condição que o “destino” lhe reservou em alguns trechos:

E como não havia um espírito estranho e inteligente que procurasse estabelecer o contacto do meu coração com o mundo, ia se formando na minh'alma um surdo sentimento de revolta, uma queixa amarga e silenciosa, contra as desigualdades estabelecidas pelo Destino. Foi a noção dessa inferioridade clamorosa que me levou à prática do primeiro ato reprovável, em que o castigo severo contribuiu, apenas, para fixar no meu espírito a extensão daquela injustiça. (CAMPOS, 1983, p. 151).

Nas crônicas da obra autobiográfica do autor está claro o caráter confessional assumido por Campos: “Foi a noção dessa inferioridade clamorosa que me levou à prática do primeiro ato reprovável, em que o castigo severo contribui, apenas, para fixar no meu espírito a extensão daquela injustiça.” (1983, p. 151). Aqui novamente presente está presente a justificativa para seus atos considerados censuráveis.

Na crônica “O brinquedo roubado” essa característica confessional da narrativa é muito forte. Contando apenas oito anos de idade, deslumbrado diante de brinquedos de “criança rica”, o autor, cheio de culpa, esconde um daqueles brinquedos para si:

Escolhidos os dois brinquedos, fechou-se a caixa, que a rapariga deixou sobre uma cadeira da sala de jantar, enquanto ia no interior da casa. Quando ela saiu para ir à loja com a sua carga preciosa, eu a acompanhei. Não sei se eram os outros brinquedos que me atraíam ou se era o remorso, a consciência da culpa, que me arrastava. Ia como um autômato. Ia como quem marcha solto, mas sem poder fugir, para o lugar em que se levanta o patíbulo. (CAMPOS, 1983, p. 154/155).

Campos, ao olhar para o passado e escrever suas memórias, descreve a si próprio sempre como alguém que era considerado menor, a quem não era dado atenção e/ou carinho (exceto pela sua mãe), e descrevia-se como um menino feio e tímido. “Eu era um menino feio, retraído, desconfiado. Nada, em mim, atraía a simpatia alheia.” (1983, p. 151). Em *Memórias Inacabadas*, e em suas memórias na obra *Diário Secreto*, nessa última, onde existem relatos de fatos do ano 1906 ao ano 1934, encontramos inúmeros escritos que relembram esse estado de dificuldade extrema que o autor viveu. Está muito presente também em suas memórias essa imagem negativa que o autor construiu de si próprio.

Como dito, essa imagem vista repetidas vezes na escrita de si em *Memórias* podemos ver em outras obras do autor. Em *Reminiscências*, de publicação póstuma, no Capítulo II, em “O carnaval em Parnaíba”, Campos relembra: “Procuro em mim mesmo as origens dessa antipatia recíproca e mal disfarçada, e vou encontra-la na minha infância de menino solitário, órfão e pobre, jamais convidado para tomar parte nas festas alheias”. (1957, p.11).

Campos utiliza-se de uma narrativa que prima pelos detalhes, que asseguram a verossimilhança ao leitor. Exemplo vemos em trechos de “O brinquedo roubado”:

No meu aniversário, ou no da minha irmã, seu brinde consistia em servir o nosso almoço fora da mesa, improvisando um “banquete” sobre um caixão de querosene, coberto com uma toalha de rosto. Nesse dia, comíamos em pires, elevados à condição de pratos da nossa festa. Certa vez houve, mesmo, um pouco de “vinho”, preparado com água, vinagre e açúcar, e que enchia um pequeno vidro, dos de *Xarope de Cambará*. (CAMPOS, 1983, p. 152).

Às vezes, quando encontrava um lápis ao alcance da mão, transformava-me em desenhista e, deitado no chão, pintava em cada tijolo do alpendre uma paisagem, ordinariamente uma casa com algumas árvores à frente ou ao lado, e uma estrada tortuosa que lhe terminava à porta. Houve, também, uma época, dos oito aos dez anos, em que os meus cuidados se voltaram para os carretéis de linha. Cheguei a possuir cerca de duzentos, brancos uns, pretos outros. Constituíam dois exércitos comandados pelos generais, que eram os carretéis maiores. Punha-os em forma, alinhava-os militarmente para a batalha, e, com um limão, derrubava-os a tiro de artilharia, ora de um lado, ora de outro. Entre esses carretéis alguns havia que eram verdadeiros heróis: entravam em seis ou sete combates seguidamente, e não caíam. (CAMPOS, 1983, p. 152/153).

Campos se utiliza bastante de intertextualidade, de analogia, e faz na sua obra bibliográfica inúmeras críticas sociais e políticas. *Memórias* traz também essa característica do cronista, como vemos na continuação do trecho acima referido, onde Campos relata suas brincadeiras de menino:

Entre esses carretéis alguns havia que eram verdadeiros heróis: entravam em seis ou sete combates seguidamente e não caíam. O limão respeitava-os como as granadas a Bonaparte. Se há um Cornélio Nepote no mundo dos carretéis vazios, alguns dos meus devem ter o seu nome na história dos grandes capitães. Terminadas, porém, as lutas a que os submetia, eu enfiava os meus dois exércitos em um barbante e pendurava-os nuns pregos do alpendre. Fazia, em suma, com os meus soldados, o que fazem com os seus os políticos, depois de servidos...” (CAMPOS, 1983, p. 153).

É recorrente nas memórias do autor suas peraltices e brincadeiras de menino pobre, que divertia-se com brincadeiras simples, na liberdade que o seu tempo de infância permitia às crianças, e bem próximo da natureza:

Minhas distrações de infância, desde que chegamos a Parnaíba, limitavam-se a frutos de jatobá, em que eu punha pernas e chifres para a formação de boiadas; à fabricação de arapucas para apanhar as rolas mariscadeiras do quintal; e à de papagaios de papel, que eram o maior encanto das minhas tardes vadias. (CAMPOS, 1983, p. 152)

Em Bosi (1998) encontramos o pensamento de Halbwhachs (1956), e concluímos que, na escrita de si, ao voltar o olhar para o passado distante, o autor

encontra lembranças fragmentadas, com lacunas que são preenchidas utilizando-se o autor da sua capacidade criativa. Algumas dessas lembranças são resgatadas através da memória coletiva dos grupos sociais aos quais ele pertencia, notadamente a família. Também em “O brinquedo roubado” encontramos trechos que reafirmam a existência dessas lacunas nas obras memorialísticas:

Não me recordo, hoje, que foi o que aconteceu. Entreguei o brinquedo, um pequenino carro pintado de vermelho, que havia escondido atrás de uma porta. Apanhei, com certeza, a minha surra. Fui apontado, sem dúvida, às crianças felizes e que tinham pai, como um menino mau, e de costumes tristes. (CAMPOS, 1983, p. 155).

Em “O brinquedo roubado” encontramos intertextualidade com a obra *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, à qual Campos faz alusão em algumas passagens: “Eram pequenos brinquedos de lata, pintados de azul, de amarelo, de verde ou de vermelho: carruagens, bondes, locomotivas, navios – um sortimento capaz de revolucionar Lilipute.” (1983, p. 154).

Ao finalizar a crônica “O brinquedo roubado”, novamente encontramos a natureza confessional da narrativa do autor. Aqui o narrador faz analogia na sua própria história, na cronologia da sua vida:

Foi esse, na minha vida de criança, o único brinquedo bonito, e de loja, que possuí. Posse criminosa e precária. Alegria misturada de sofrimento, e que durou um instante. Contentamento íntimo que terminou em humilhação ostentosa. Festa de alma que se tornou agonia. E que tem sido para mim, pelo resto da vida, a felicidade, senão um brinquedo roubado, que eu escondo, que dissimulo assustadamente no coração, e que, no entanto, descobrem, e me tomam, quando custaria tão pouco me deixarem com ele? (CAMPOS, 1983, p. 155/156).

Na crônica do Capítulo XXVII, “Nossa casinha”, o autor inicia o texto utilizando-se de intertextualidade, citando *Une Vie*, de Maupassant, contando sobre como a protagonista da obra restaura suas memórias, e diz que ela “Toma os calendários, as “folhinhas” relativas aos últimos vinte anos da sua vida, e põe-se a restaurar dia a dia todos os acontecimentos daquele período feliz ou tormentoso.” (1983, p. 179). Campos segue dizendo que a personagem “[...] consegue, dessa maneira, povoar de fatos, e de figuras, todas as horas que, antes dessa ressurreição pela saudade, lhe pareciam tristes e vazias.” (1983, p. 179).

Encontramos aqui, na escrita memorialística, a ressignificação que ocorre quando o autor volta o seu olhar para o passado. O autor diz que está ele próprio em busca do mesmo feito da personagem central de *Une Vie*. Achamos o autor que mais uma vez mostra as lembranças como imagens fotográficas, e vemos novamente a consciência nas lacunas existentes na busca de resgatar o passado. E ele diz:

No esforço, que agora faço, para a realização do mesmo milagre, não deixa de ser curioso que eu, que me recordo de tanto fato insignificante, de tanto episódio miúdo, não tenha lembrança, embora a mais leve, do dia em que mudamos para a casa que minha mãe mandou construir em Parnaíba [...] Ao reconstruir esse período e esses acontecimentos, já me vejo residindo aí. Duas ou três ocorrências ligeiras, dois ou três quadros no meio de outros que se apagaram, eis o que me resta. À memória faltam recordações para encher a moldura dos dias. (CAMPOS, 1983, p. 179/180).

Entendemos, pois, que autobiografia pura não existe, trabalhando o autor com a sua criatividade e sua atual visão do mundo e de si próprio para preencher essas lacunas existentes nas memórias.

Logo em seguida o autor segue a crônica fazendo descrição detalhada da casa, o que também garante, ao leitor, verossimilhança na narrativa de suas lembranças:

Três altas janelas de frente, e, à esquerda de quem a examina da rua, uma grande porta, por onde se entra para um alpendre largo e todo fechado de rótulas. Para esse alpendre, dá a porta da sala de visitas, a que correspondem as três janelas da rua. Atrás da sala, [...] E em seguimento, para os fundos, o quintal de sessenta ou setenta metros, todo cercado de troncos de carnaúba, rachadas ao meio.” (CAMPOS, 1983, p. 180/181).

Vemos em “Nossa casinha”, como em outras crônicas do autor, o diálogo explícito em alguns trechos. Aqui encontramos uma dessas passagens onde o menino Humberto interroga sobre a forma como estão plantando cocos no quintal:

- Para que serve o sal, em cima do coco? – indago. .- É por causa dos besouros, - explica-me o caboclo que nos ajuda na plantação. – O sal afugenta o besouro, quando ele entra na terra para roer o coco. (CAMPOS, 1983, p. 181).

No relato de como o jardim da “casinha” floresceu, o autor novamente traz detalhes na sua descrição do quintal, dando garantia de verossimilhança, fortalecendo o pacto com o leitor de estar sendo real na sua narrativa:

Não obstante essas precauções, apenas cinco ou seis coqueiros nasceram. Mas, outros cocos foram plantados, e vingaram. E vingaram as laranjeiras, os limoeiros, as ateiras, os mamoeiros. Um muricizeiro estendeu os galhos junto ao alpendre, em frente ao corredor da despensa, dando agasalho às galinhas. Um jasmineiro miúdo derramou-se no jardim, estrelando a areia, Um casa-cedo rebentou em cálices amarelos. Um resedá modesto perfumou a brisa. E as roseiras lutaram para viver. Eu próprio puxava a água do poço profundo, em um balde de zinco, auxiliado por um carretel estridente. E minha mãe, e minhas irmãs, na alegria humilde de possuírem o seu teto, davam de beber às plantas amigas. (CAMPOS, 1983, p. 181/182).

A obra memorialística de Campos está repleta de passagens que, como essa, também retratam a natureza muito presente na vida e nas lembranças do autor.

Na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XIX, ‘Eu e Camões’, Campos relembra:

Havia passado mais de um ano longe dali, mas era, ainda, o mesmo caboclinho destemido, sabendo manejar um remo e governar uma canoa. Ao chegar, porém, ao meio do rio, o vento aumentou, e a correnteza também. [...] Essa luta com o vento e a água enchia-me de prazer, de uma alegria intensa e interior determinada pelo contacto [sic], de novo, com os meus elementos familiares. (CAMPOS, 1957, p. 146).

A casa “que minha mãe mandou construir”, nas palavras de Campos, é imagem forte da natureza que cercava o autor. Essa casa que representava o aconchego do seio materno, a força de sua mãe para seguir com os filhos, embora cercada das dificuldades que a viuvez ainda na juventude lhe trouxe.

Bosi aponta:

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. Para enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança? (Bosi, 1998, p. 435).

E explica:

O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme, cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva. (Bosi, 1998, p. 435).

Em *Memórias*, a casa, humanizada, se confunde com a própria história do autor: “Testemunha quieta dos meus desastres iniciais, das lágrimas da minha mãe e do milagre da nossa pobreza corajosa, foi à sua sombra que decorreram as nossas noites de vigília e os nossos dias de esperança.” (1983, p. 182).

Diz ainda Bosi:

Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As casas nos falam, sim, e por que exigir palavras de uma comunhão tão perfeita? [...] A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas também preciosas que não têm preço. (Bosi, 1998, p. 442).

A casa materna representa para o autor a segurança, o seu “estaleiro”. A primeira vez que dela partiu, separando-se de sua mãe, indo em busca de um lugar que fizesse daquele menino um homem para tentar melhorar a triste vida de pouquíssimos recursos que era a realidade de sua família, tinha Campos apenas 13 anos de idade.

Na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XX, “Voltando ao ponto de partida”, Campos escreve: “E a circunstância de me ver alí, de haver sofrido tanto e sem proveito, punha em minha alma um desencanto, uma tristeza funda, que eu procurava, inutilmente vencer. Era preciso, porém, trabalhar. Era preciso auxiliar minha mãe.” (1957, p. 154).

Em “A casinha” o autor relata com aparente melancolia as suas partidas:

Nessa casa humilde e clara teve o navio da minha alma o seu estaleiro... Desse porto abrigado partiu três vezes o meu barco atrevido e frágil para afrontar as iras do oceano trovejante. Da primeira, voltei desiludido, apavorado com a tormenta que rugia lá fora. Da segunda, regresssei, as velas rotas, o leme partido, para reparar os estragos da tempestade, mas com o pensamento de fazer-me ao largo, outra vez. Da terceira, enfim, apanhado pelos ventos oceânicos e pelo capricho das correntes marítimas, fui arrastado para tão longe que, decerto, nunca mais voltarei... (CAMPOS, 1983, p. 182/183).

Sá (2001), ao escrever sobre o espaço casa, salienta:

[...] nesse espaço feito de paredes, portas e janelas, projeta-se o espaço interior do homem, nele se configurando o aprendizado de que a morte é inevitável, visto que somos apenas transitivos num mundo transitório demais. O que nos resta é fazer com que a vida seja de tal forma gratificante que as ternuras antigas possam ser resgatadas em algum ponto da jornada, garantindo a nossa permanência na lembrança de alguém.” (SÁ, 2001, p. 16).

Em *Memórias*, Campos fala da “casinha” com a doçura própria de toda a sua escrita memorialística nessa obra: “Do seu quintal subiram os meus papagaios de papel. Entre as suas moitas rasteiras armei as minhas arapucas cheirando a mato verde. Nas suas cercas irregulares pendurei os meus alçapões traiçoeiros.” (1983, p. 182).

A “casinha” está presente também na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*. No Capítulo XX, “Voltando ao ponto de partida”, Campos recorda:

O ordenado que meu tio me fez foi de cinquenta mil réis por mês. Cincoenta mil réis, casa e comida. E eu determinei, logo, que a metade desse dinheiro caberia à minha mãe. A princípio, recusei a moradia. Preferia, pela manhã e à noite, fazer a caminhada, de um extremo a outra da cidade, para ir dormir em nossa casinha dos Campos. Estava, ainda, em tratamento da enfermidade contraída no Maranhão. (CAMPOS, 1957, p. 154).

O autor finda a crônica “A casinha” entrelaçando sua vida à dela, aqui humanizada, e escreve um parágrafo intensa carga afetiva:

Envelhece, pois, sem que me vejas mais, casa que eu vi nascer, em cujas paredes eu próprio marcava, com um traço de carvão na argila clara, os progressos do meu crescimento. Um dia ruirás, e serás poeira. Um dia eu morrerei, e minha carne se transformará em pó. E as minhas cinzas se reunirão às tuas, e dormirão juntas, e consoladas, no seio materno e silenciosos da terra... (CAMPOS, 1983, p. 183).

A casa é a representação material da valentia de sua mãe, que lutou contra as adversidades que a morte do esposo trouxe. É forte a relação de Campos com sua genitora. Com a orfandade paterna precoce, tornou-se a mãe um mais forte referencial na vida do pequeno Humberto. Nas suas memórias, a admiração à fortaleza e coragem de sua mãe é presença constante.

Ao reportar-se à mãe em crônica intitulada “Minha Mãe”, escrita em *Memórias*, no Capítulo IV, Campos escreve:

É digno de nota que eu tenha de meu pai recordações muito mais antigas e precisas do que de minha mãe. Em épocas em que a figura dele me aparece nítida, concreta, definida, a imagem dela é, ainda, apenas, uma nebulosa, uma sombra, uma nuvem sem contorno e sem forma. Isso é, todavia, explicável. Meu pai morreu logo, quando eu era pequeno; as impressões primitivas que eu dele tinha não foram substituídas por outras mais frescas. Ao passo que minha mãe há quarenta e seis anos me acompanha na vida, superpondo o seu vulto, e as suas atitudes novas, às imagens mais remotas. (CAMPOPS, 1983, p. 33).

Na mesma crônica o autor ressalta: “Viúva, moça, com dois filhos, e com essa filha que adotara, minha mãe enfrentou a vida com heroísmo sereno e silencioso, e com um tranquilo espírito de decisão”. (1098, p. 36). Na crônica do Capítulo LII, intitulada “O cálice da amargura”, Campos começa escrevendo: “Só hoje me é possível compreender o sofrimento e a fortaleza de minha mãe nesses dias terríveis da nossa vida”. (1983, p. 339).

Não apenas para a mãe destinou Campos uma crônica. Em *Memórias* o autor escreveu uma crônica, que está no Capítulo III, destinada às lembranças que resgatou do pai. E inicia a crônica, intitulada “Meu Pai”, dizendo: “Quando meu pai morreu, eu tinha seis anos e vinte e dois dias. Mas lembro-me, ainda, perfeitamente, dos seus modos e da sua figura.” (1983, p. 25). Mas segue, e diz mais à frente: “A sua figura me vem à lembrança, hoje, apenas em meia dúzia de quadros, que a memória fixou com tintas claras e precisas, sobre fundo brumoso.” Ora, o narrador aqui fala da precisão de suas lembranças em relação ao pai, para em seguida dizer que tais recordações estão “sobre fundo brumoso”. Isso reforça o pensamento de Klinger (2007) de que as lembranças nem sempre são totalmente acessíveis, e por isso são arrematadas pelo poder criativo do autor.

A narrativa que descreve os laços familiares e como esses laços foram basilares na vida do autor é repetida em outras obras memorialísticas de Campos.

Na sua obra póstuma *Reminiscências*, no Capítulo XI, em “Um homem e um povo”, CAMPOS afirma: “O destino dos homens depende, efetivamente, menos deles mesmos do que do meio em que surgem e se desenvolvem”. (1957, p. 76).

Sá (2001), em seu livro *A crônica*, ao falar sobre Rubem Braga, faz a seguinte constatação:

Assim, quando o narrador de “Sobre o inferno se apresenta como “o jornalista profissional Rubem Braga, filho de Francisco de Carvalho Braga, carteira 10.836, série 32.^a, registrado sob o número 785, Livro II, fls.193”, ele está reafirmando a importância da figura paterna como indispensável elemento estruturador do que somos a partir de nossas raízes, a partir de um sobrenome mais do que mero orgulho familiar – índice mesmo de que não existimos isoladamente e de que a nossa precariedade é compensada pela existência de outras pessoas, de outros universos. Reescrever a própria biografia é, pois, um modo de amadurecer. (SÁ, 2001, p. 15).

Bosi (1998) afirma que o vínculo que prende uma criança a sua família é um vínculo irreversível. Assim foi com Campos.

Vínculo forte também Humberto de Campos teve, e permaneceu para a posteridade, com o seu eternizado cajueiro, “um amigo de infância”, que envelheceu com ele e se incorporou a sua vida e a sua história. Diz Bosi: “O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade”. (1998, p. 441).

No Capítulo XXXII do livro *Memórias* encontramos talvez a mais conhecida crônica de Humberto de Campos: “Um amigo de infância”.

O cajueiro de Campos cresceu e envelheceu com ele, incorporou-se à sua vida de forma tão intensa que trouxe para a vida do autor uma continuidade. A relação entre o autor e a árvore é tão próxima que conseguimos vislumbrar uma espécie de fusão de ambos. Sua relação com o cajueiro gerou um vínculo que perdurou em Campos, como uma saudade, e que permanece inabalável com a preservação da árvore como lembrança viva e eterna do autor.

Humberto de Campos conheceu a orfandade aos seis anos de idade. Nessa mesma época começou a conhecer também as dificuldades decorrentes dessa ausência paterna. E foi nesse momento de mudança na vida familiar que plantou o seu cajueiro, ao qual ele se reportou como “um amigo de infância”. Campos inicia a crônica “Um amigo de infância” dizendo:

No dia seguinte ao da mudança para a nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda cheirando ainda a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a Natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tosco, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de caju que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo, o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca, do que uma planta em eclosão. A castanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas

úmidas e avermelhadas, as quais eram como duas jóias flexíveis que tentassem fugir do seu cofre. (CAMPOS, 1983, p. 215).

Campos era apenas um menino começando uma nova vida, em uma outra cidade, e ali estava aquela castanha de caju, que, pelas suas mãos, começaria a sua existência. Escreve o autor: “[...] sustento na concha das mãos curtas e ásperas o monstro que ainda sonhava com o sol e com a vida.” (1983, p. 215).

Aqui vemos o começo da vida do cajueiro, cuja existência eternizou Humberto de Campos:

Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolo e telha. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde e móbil, e a agradecer-me o cuidado que lhe dispenso, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou. (CAMPOS, 1983, p. 216).

Bosi afirma:

Para a criança que ainda não se relacionou com o mundo mais amplo, a mudança pode ter um caráter de ruptura e abandono. Tudo o que ela investiu dos primeiros afetos vai ser deixado para trás, vai ser disperso e dividido. Só quando aquele primeiro já não existe é que o adulto compreende que ele se situava num contexto que o transcendia, irrecuperável talvez pelo presente. (BOSI, 1998, p. 436).

Memórias é um relato de muitas lembranças que mostram como a mudança da família para a cidade de Parnaíba, bem como as perdas relacionadas a essa mudança acompanham o homem Campos de maneira intrínseca. Fazer nascer uma vida possivelmente significou um recomeço para o menino Humberto, que cresce junto àquele que se tornou um amigo das brincadeiras de criança, um confidente, testemunha de momentos sofridos, exemplo mais forte da importância dos elementos da natureza na vida do autor.

A crônica “Um amigo de infância”, mas que uma narrativa bela e emocionante da amizade de uma criança e uma árvore, é uma analogia cronologicamente pautada na vida do autor e no cajueiro.

O meu cajueiro sobe, desenvolve-se, prospera. Eu cresço, mas ele cresce mais rapidamente do que eu. Passado um ano, estamos do

mesmo tamanho. Perfilamo-nos um junto do outro, para ver qual é mais alto. É uma árvore adolescente, elegante, graciosa. Quando eu completo doze anos, ele já me sustenta nos seus primeiros galhos. Mais uns meses e vou subindo, experimentando a sua resistência. Ele se balança comigo como um gigante jovem que embalasse nos braços o seu irmão de leite. Até que, um dia, seguro da sua rizeja hercúlea, não o deixo mais. Promovo-o a mastro do meu navio [...]. (CAMPOS, 1983, p. 216).

Memórias está repleta de desejos da criança que sonhava correr o mundo...: “Mão direita aberta sobre os olhos, como quem devassa o horizonte equóreo, mas devassando, na verdade, apenas os quintais vizinhos, as vacas do curral de Dona Páscoa e os jumentos do Sr. Antônio Santeiro [...]”. (1983, p. 217).

A obra está recheada também de imagens da vida urbana das cidades de Parnaíba e de São Luís, de seus moradores, dos costumes, da vida simples daquela época. Escreve Campos: “Pouco a pouco, a noite vem descendo. Um véu de cinza envolve docemente os coqueiros dos quintais próximos. Os bezerros de Dona Páscoa berram com mais tristeza. As vacas, apartadas deles, respondem com mais saudade.” (1983, p. 218).

Campos faz menção à cultura do povo parnaibano, ressaltando a memória coletiva. Diz:

A memória fresca, e límpida, reproduz, uma a uma, fielmente, todas as passagens épicas, todas as canções melancólicas e singelas da velha lenda marítima com que o majestoso mulato Benedito Guariba, uma vez por ano, à frente dos seus caboclos improvisados em marujos portugueses, alvoroça as ruas arenosas de Parnaíba. (CAMPOS, 1983, p. 217/218).

Crônica rica em prosopopeia, em “Um amigo de infância” o autor personifica o cajueiro, atribuindo a ele a posição de seu “amigo de infância”. A crônica é uma doce e poética recordação da infância de Humberto de Campos, onde o autor fala de saudade, faz reflexões profundas sobre sua vida, seus sonhos de criança pobre que desejava ir em busca de uma vida melhor, e os caminhos que percorreu e que o levaram para longe de suas raízes.

E eu, gajeiro de uma nau ancorada na terra, desço, tristemente, do folhudo mastro do meu cajueiro, sonhando com o oceano alto, invejando a vida tormentosa dos marinheiros perdidos, que não tinham, pelo menos, a obrigação de estudar, à luz de um lampião de querosene, a lição do dia seguinte... (CAMPOS, 1983, p. 218).

Ler “Um amigo de infância” é ver Humberto de Campos Veras, menino pobre e órfão de pai, nascido na pequena Miritiba e aportado em Parnaíba, crescer e tornar-se o literato Humberto de Campos, homem maduro, que olha para o passado e procura compreender e ressignificar sua vida.

Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão, e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe do caule ferido. Na ponta dos ramos mais altos abotoam os primeiros cachos de flores miúdas e arroxeadas como pequeninas unhas de crianças com frio. (CAMPOS, 1983, p. 219).

Encontramos nesse trecho uma descrição do próprio autor. Ao falar sobre o seu cajueiro, conseguimos enxergar o adolescente Humberto, o menino já ferido pelas adversidades da vida, partindo, cheio de esperança peculiar à juventude, carregando consigo a saudade e o medo, compreensível, por tão precoce separação da segurança de seu lar. No Capítulo LVIII, de *Memórias*, em “Saudade e vinho tinto”, encontramos os sentimentos do autor nessa partida: “Quem poderá descrever a emoção de um menino de treze anos, ao abraçar seu último conhecido, para sair ao mar, sozinho, sem um rosto amigo, sem um peito confidente, no qual derrame o seu pranto?” (p. 373, 374).

A obra memorialística de Campos está repleta de relatos sobre a ansiedade, o medo e a dor que a partida do lar causou no autor. Ainda em “Saudade e vinho tinto” ele diz:

Levantava-me, recebendo em cheio o vento marítimo, que me impedia com as suas imensas mãos invisíveis para a embocadura do rio, para os lados de onde eu tinha vindo. Parecia-me que esse vento me empurrava, e que seu mugido me dizia, insistente, no conselho profético das rajadas: “- Não vá-á-á-ás... Não vá-á-á-ás...” (CAMPOS, 1983, p. 372).

A vida do autor foi cercada por rupturas. A orfandade precoce, a pobreza e a mudança de Estado, consequências dessa orfandade, os diversos abandonos da escola, a ida para São Luís, sozinho, aos 13 anos, a volta frustrante, o retorno, a ida para Manaus, a “fuga” para o Rio de Janeiro na época da ditadura, as mudanças no Rio de Janeiro, em decorrência de novas dificuldades financeiras. Conseguimos perceber as rupturas dolorosas na vida do autor, tão presentes na sua obra

memorialística, em “Um amigo de infância” quando o autor escreve sobre as vezes que se separou do seu cajueiro, e com isso retrata momentos de transformações na sua vida:

- Adeus, meu cajueiro! Até à volta! Ele não diz nada, e eu me vou embora. Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em São Luís, homem-menino, lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento [...] (CAMPOS, 1983, p. 219).

Um ano mais, e parto novamente. Outra despedida; outro adeus mais surdo, e mais triste: - Adeus, meu cajueiro! O mundo toma-me nos seus braços titânicos, arrepiados de espinhos. Diverte-se comigo como a filha do rei de Brobdingnag com a fragilidade do Capitão Gulliver. O monstro maltrata-me, fere-me, tortura-me. E eu, quase morto, regresso a Parnaíba, volto a ver minha casa, e a rever o meu amigo. – Meu cajueiro, aqui estou! (CAMPOS, 1983, p. 220/221).

Mais uma vez Campos se utiliza da obra de Jonathan Swift fazendo intertextualidade para registrar os infortúnios que o mundo lhe apresenta: “Diverte-se comigo como a filha do rei de Brobdingnag com a fragilidade do Capitão Gulliver.”

A humanização desse “amigo de infância” está presente também nas palavras da mãe do autor. Escreve Campos sobre uma carta que recebeu da mãe, e que diz: “Receberás com esta uma pequena lata de doce de caju, em calda. São os primeiros cajus do teu cajueiro. São deliciosos, e ele te manda lembranças...” (1983, p. 219).

Aqui também encontramos a intertextualidade, constante na obra memorialística de Campos:

Há, se bem me lembro, uns versos de Kipling, em que o Oceano, o Vento e a Floresta palestram e blasfemam. E o mais desgraçado dos três é a Floresta, porque, enquanto as ondas e as rajadas percorrem terras e costas, ela, agrilhoadada ao solo com as raízes das árvores, braceja, grita, esgrime com os galhos furiosos, e não pode fugir nem viajar... (CAMPOS, 1983, p. 219/220).

Após esse trecho, o autor traz uma profunda reflexão sobre a decisão de deixar sua casa, seu “estaleiro”, reflexão, certamente, sobre toda a sua vida:

Recebendo a carta de minha mãe, choro sozinho. Choro, pela delicadeza da sua idéia. E choro, sobretudo, com inveja do meu cajueiro. Por que não tivera eu, também, raízes como ele, para me não afastar nunca, jamais, do quintal em que havíamos crescido juntos, da terra em que eu, ignorando que o era, havia sido feliz? (CAMPOS, 1983, p. 220).

Também nos regressos à casa materna, no registro das memórias dos reencontros com o cajueiro, Campos traz profunda reflexão sobre sua vida, utilizando-se da descrição do cajueiro para descrever a si próprio, no processo analógico que acompanha toda a crônica:

Volto, porém. O meu cajueiro estende, agora, os braços, na ânsia cristã de dar sombra a tudo. A resina corre-lhe do tronco mas ele se embala, contente, à música dos mesmos ventos amigos. [...] Está em toda a força e em toda a glória ingênua da sua existência vegetal. (CAMPOS, 1983, p. 220).

Ao descrever o desenvolvimento contínuo do seu cajueiro, Campos retrata o seu próprio crescimento. A árvore se apresenta como símbolo da vida em contínua evolução, força e capacidade de renovação.

Chevalier e Gheebrant (2009) descrevem a árvore como Universo vivo, que está em constante regeneração, e explicam que a árvore congrega todos os elementos da natureza: a água, a terra, o ar, e até o fogo, que é produzido quando se esfrega os seus galhos. É vida plena! Apontam:

Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade; [...] Por outro lado, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2009, p. 84).

Escreve Campos em mais um retorno:

- Meu cajueiro, aqui estou! Mas ele não me conhece mais. Eu estou homem: ele está velho. A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom da voz. Ele está imenso e escuro. [...] Quero abraçá-lo, e já não posso. Em torno do seu tronco fizeram um cercado estreito. No cercado imundo, mergulhado na lama, ressona um porco... Ao perfume suave da flor, ao cheiro agreste do fruto, sucederam, embaixo, a vasa e a podridão!" (CAMPOS, 1983, p. 221).

Vemos aqui Humberto de Campos cansado e fortemente abalado pelas intempéries dos últimos anos de sua vida: a doença e os efeitos degradantes que a mesma causava ao seu corpo, e as dificuldades financeiras que novamente assolaram sua vida. O olhar voltado para o passado já marcado das profundas tristezas do homem Humberto, dores que o acompanharam até a sua morte.

E mais uma vez ainda Humberto de Campos dá adeus ao seu cajueiro, fazendo uma analogia profunda e poética entre essas vidas que foram entrelaçadas:

- Adeus, meu cajueiro! E lá me vou outra vez, e para sempre, pelo mundo largo, onde hoje vivo, como ele, com os pés na lama, dando, às vezes, sombra aos porcos, mas, também, às vezes, doirado de sol lá em cima, oferecendo frutos aos pássaros e pólen ao vento, e, no milagre divino do meu sonho, sangrando resina cheirosa, com o espírito enfeitado de flores que o vento leva, e o coração, aqui dentro, cheio de mel, e todo ressoante de abelhas... (CAMPOS, 1983, p. 221).

Aquela pequenina semente, migalha de vida querendo desabrochar, que encontrou esperança nas mãos do menino órfão e pobre, ali também vivendo de migalhas, passou a ser presente, para sempre, mesmo na distância física entre ambos, na vida do autor. Foi o cajueiro, parceiro das brincadeiras e dos sonhos infantis. Testemunhou a vida que crescia junto a sua. Ouviu choro, confissão e lamentação. Transformou-se em uma árvore robusta. Criou raízes fortes. Se impôs ao mundo, assim como seu amigo. O cajueiro de Humberto de Campos eternizou aquele que lhe deu oportunidade de vida, o seu amigo de infância. Foi humanizado, e adquiriu pertencimento. Essa árvore ainda existe, está ali, onde foi plantada, e hoje o local está protegido e aberto à visitação pública.

O Presidente da Academia Maranhense de Letras no ano de 2001, o escritor Josamar Moraes, que estivera em Parnaíba naquele ano, visitou vários pontos turísticos da cidade, inclusive a praça que foi construída no local onde está o cajueiro de Humberto de Campos, e então solicitou a Antônio de Pádua Santos, naquela ocasião Secretário de Cultura daquela cidade, também Secretário Geral da Academia Parnaibana de Letras, que lhe fossem enviadas algumas castanhas do cajueiro de Humberto de Campos, para que fossem plantadas em São Luís, pedido prontamente aceito por Pádua Santos.

Sobre essa belíssima crônica “Um amigo de infância”, Coelho conclui:

[...] se Parnaíba propiciou tantos episódios marcantes e tantos momentos felizes na vida de Humberto (sic) Campos, este, em contrapartida, escreveu para os parnaibanos Um amigo de infância, que é uma declaração de amor, uma página de saudade e de ternura para a terra que o recebeu de braços abertos, e que assim compartilhou com ele da grande aventura humana de ser eterna na vida do cajueiro que ele plantou no quintal de sua casa, celebrizando-o para o Brasil e para a posteridade, tal como ele fez, em algumas de

suas crônicas, com a sua pequena e saudosa Miritiba. (COELHO, 2005, p. 141).

O cajueiro de Humberto de Campos é preservado como uma homenagem ao seu “amigo de infância”, cuja vida está ligada para sempre à dela. Não há outras árvores ao seu redor, apenas ela está lá. Imaginemos o que o autor escreveria hoje sobre essa solidão e sobre essa existência que persiste e guarda a sua memória.

Ressaltam, Chevalier e Gheebrant (2009, p. 85): “Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu.” O cajueiro tem exatamente essa representatividade, e se mantém vivo, como guardião das memórias do autor. Dizem ainda: “A árvore da vida tem o orvalho celeste como seiva, e seus frutos, ciosamente defendidos, transmitem uma parcela de imortalidade.” (p.85)

No Capítulo LI de *Memórias*, encontramos “O flagrante”. A crônica, que ressalta o caráter confessional da escrita de si característica do autor, narra um episódio em que Campos, aos doze anos de idade, foi descoberto furtando dinheiro do estabelecimento comercial do tio, onde trabalhava. A narrativa se inicia já destacando esse caráter confessional:

A quem deverei atribuir, hoje, o golpe terrível, e fundo, mas necessário, que me interrompeu a atividade criminosa, e contribuiu para imprimir uma nova direção à agulha magnética, na bússola da minha vida? Que agentes se associaram, e por que modo, para a descoberta do feio delito que eu praticava, infligindo-me uma humilhação cujo alcance eu não podia compreender, pois que eu tinha, apenas, completado doze anos? Certo, não se tornava difícil a apuração da minha desonestidade. [...] Como, pois, poderia eu, senão criminosamente, fazer encomendas de livros, e ter dinheiro em poder de amigos, movimentando numa quinzena quantias que não ganhava num semestre? (CAMPOS, 1983, p. 333).

O autor segue com a confissão do seu “ato reprovável”, e diz:

Viraram-me os bolsos, examinaram-me a camisa. E não encontraram nada. Por um motivo qualquer, em que entrou mais o acaso do que o desejo, eu não retirara nesse dia, sequer, um níquel. Falhara o flagrante. Mas possuíam eles, com certeza, provas suficientes dos delitos anteriores. Campos, 1083, p. 335).

São sólidos os laços entre o autor e sua mãe. Em “O flagrante”, como em muitas outras crônicas, esses laços de amor e cumplicidade estão fortemente retratados.

Apenas minha mãe estava sentada no tijolo da calçada, na sua posição humilde e familiar. Beije-i-lhe a mão, e sentei-me ao seu lado, a alma confrangida de terror e de pena. Ao fim de algum tempo disse-lhe que queria falar, e entrei. Ela foi ao meu encontro, e saímos, os dois, abraçados, para o quintal. (CAMPOS, 1983, p. 335).

Campos segue traçando uma imagem sobre si mesmo: “[...] foi essa uma das poucas vezes que, no orgulho da minha miséria, levantei os olhos para o céu.” (1983, p. 335/336).

Mais uma vez a narrativa segue o estilo confessional:

Com o braço na cintura de minha mãe, e sentindo o seu em torno do meu pescoço, contei-lhe, chorando, a cena da tarde. Narrava-lhe o episódio, mas não me acusava, não lhe falava dos antecedentes.[...] A culpa havia sido grande demais para que ficasse resolvida com o meu castigo. (CAMPOS, 1983, p. 336).

Aqui também encontramos a personificação da natureza que cercava o autor: “As plantas do nosso quintal estavam todas adolescentes.” (1983, p. 336), e o cajueiro aparece como testemunha daquele momento de dor e amor entre mãe e filho:

Meu cajueiro tinha quatro vezes a minha altura, e foi junto dele, quebrando, torturando, triturando as suas folhas, que eu alcancei o coração da minha mãe, contando-lhe a verdade cruel. Ao terminar, senti que ela chorava, e que me apertava mais fortemente de encontro ao seu coração. (CAMPOS, 1983, p. 336).

Também encontramos aqui a narrativa em diálogo explícito, em um trecho em que a mãe de Campos diz a ele que não conte a ninguém sobre aquele fato.

A crônica “O flagrante” é muito mais que uma escrita de si no estilo confessional, é um relato de cumplicidade e amor de uma mãe forte e corajosa a um filho que precisou deixar de ser criança cedo demais, como vemos em outros trechos:

Minha mãe sentia que era preciso, naquele transe, proteger o seu filho. Criminoso ou não, ele era uma criança. Chegara o momento em

que eu mais carecia da sua proteção, do seu arrimo, do seu apoio. E ele mo deu, tendo, embora, cravada no peito, a lâmina mais afiada, e mais venenosa, que nele se embebeu, em toda a vida. (CAMPOS, 1983, p. 336).

Finaliza o narrador a crônica dizendo: “E eu, da minha rede do alpendre, vi, pela porta aberta do seu quarto, que ela não dormiu um só instante. Sentada na rede, o terço na mão, passou a noite inteira rezando”. (1983, p. 337).

Sá, falando sobre a construção de um texto, afirma que elaborar um texto é como construir uma casa, onde em cada cômodo o autor “guarda os seus segredos e a sua solidão” (2001, p.17). Humberto de Campos escreveu *Memórias* reconstruindo, gradativamente, suas lembranças em setenta crônicas, atribuindo significados às suas escolhas e ao que se tornou em meio a tantas intempéries da vida. Através do resgate de suas memórias o autor foi traçando seu caminho, contextualizando sua história, e se eternizando.

6 CONCLUSÃO

Humberto de Campos escreveu muito sobre si mesmo, tendo como principais obras memorialísticas *Memórias*, *Memórias Inacabadas* e *Diário Secreto*, onde o autor deixou muitos elementos da imagem que fez de si mesmo, o que se pode ver também em outros gêneros produzidos por ele, numa obra que é vasta e rica em gêneros literários.

Iniciou-se no ano de 1933, ano da publicação do livro *Memórias*, de Humberto de Campos, uma prática de publicação de autobiografias, livros de memórias que eram também conhecidos como livros de reminiscências.

As crônicas de Campos, evocando lembranças de sua infância, falam profundamente à nossa alma. São relatos cheios de ternura e emoção, que levam o leitor a construir junto com o autor não só a história daquele menino órfão e corajoso, que foi conduzido, diante dos percalços da vida, a um amadurecimento precoce, como também a história de uma época e de tantas pessoas que entrelaçaram suas vidas com a do autor.

Sofrendo dificuldades financeiras após ficar órfão de pai aos seis anos de idade, Humberto de Campos amadureceu precocemente, assumindo muito cedo a responsabilidade de ajudar financeiramente a mãe, referência forte na formação do autor e presença constante em toda a sua vida.

O autor escreve como foi difícil e dolorosa sua vida, diante da mudança repentina que sofreram com a morte do pai. Menino agora pobre, que lutou contra todas as adversidades para adquirir conhecimento, e para construir com dignidade sua história. Na sua obra póstuma *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XX, “Voltando ao ponto de partida”, encontramos:

Chegando em casa, acendia-se o candeeiro grande, e eu me punha a ler. Por volta de meia-noite, a manga do vidro se tornava quase (sic) negra, com a fumaça do querosene. Soprava a chama. E ia deitar-me, sonhando com aquela gente que se movia nos versos, nos livros de viagens e nos romances. E, não menos, com a que realizava as viagens, escrevia os romances, e fazia os versos. E foi assim que me encontrou o ano de 1902. (CAMPOS, 1957, p. 155).

Também em *Memórias Inacabadas*, no Capítulo XXIX, “Sob a tormenta”, Campos recorda:

Certa manhã, tendo regressado do *Notícias*, não pude dormir um só instante, com fome. Tinham-me faltado, nesse dia, como em muitos outros, os trezentos réis para o café com pão dos canoieiros, vendido em carrocinhas, na doca do Ver-o-Peso. Era um domingo, e a manhã desabrochava fresca, linda e clara. Para fugir a mim mesmo, aos pensamentos que me perseguiam na solidão, saí para a rua. (CAMPOS, 1957, p. 225/226).

Nas pesquisas realizadas durante a produção desse trabalho, fizemos uma viagem no tempo, e, numa tentativa de percorrer os caminhos do autor, procuramos, mais que encontrar, perceber as sensações do pequeno Humberto de Campos, para então compreendermos de que forma e até onde os sobressaltos vividos na sua infância afetaram a sua escrita memorialística.

Seguindo essa análise, observamos, não apenas nas crônicas selecionadas, mas em toda a obra *Memórias*, o quanto as rupturas precoces, como a morte do pai, a mudança para outro estado e as dificuldades financeiras disso decorrente foram determinantes na forma de ver o mundo do autor e, assim, na escrita de suas memórias. São também preciosas e constantes as declarações de amor, respeito e admiração à mãe, cujas atitudes são sempre louvadas pelo autor.

Merece destaque as menções, em uma crônica dedicada especialmente a ele, e em outras crônicas também da obra, o cajueiro do autor, a quem elevou à condição de seu “amigo de infância”, e de quem o autor utilizou-se para escrever sobre reflexões profundas de si mesmo.

Os sentimentos e as percepções de um menino pobre, que se enxerga inferiorizado e pouco amado, que encontra força na mãe e alegria nas brincadeiras simples de criança e no contato com a natureza, que caminha em busca constante de superação, movimenta todas as crônicas do livro *Memórias*. Escrita sensível, mas recheada de humor e ironia, peculiares ao autor, a obra faz chorar e dar risadas, e nos faz percorrer os caminhos da nossa própria infância. *Memórias* é capaz de tornar Humberto de Campos inesquecível após sua leitura.

Autodidata, Campos afirmou que não era apenas a literatura que lhe atraía e encantava, tinha sede de conhecimento, tendo encontrado em Samuel Smiles, através de seus livros, o melhor amigo de sua adolescência. Ultrapassando todas as dificuldades, Campos tornou-se escritor, e o mais aclamado cronista da década de 1930, assumindo uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e sendo eleito Deputado Federal.

Humberto de Campos, declarando seu amor pela literatura, escreveu até os últimos dias de sua vida. Durante toda a sua vida a escrita era sua maior companhia. Na sua obra póstuma *Reminiscências*, no Capítulo XII, “Carta a Menotti Del Picchia”, Campos escreve: “Um homem de letras, com obrigações quotidianas como eu, tem de viver assim: fugindo e apanhando assunto pelo caminho”. (1957, p. 85).

O autor escreveu suas memórias ressaltando a possibilidade de o indivíduo ultrapassar os infortúnios da vida e vencer, e quis trazer à sua obra memorialística também um enfoque educacional. Na sua obra póstuma *Reminiscências*, no Capítulo XV, em “A defesa de Noé”, Campos afirma: “No meio da agitação dos espíritos moços, eu sou o antepassado sereno, que se não alarma nem espanta. E como tenho sofrido muito, procuro ministrar aos outros as sobras da medicina de que me servi”. (1957, p. 105).

Diz Bosi:

Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades. Antes, morre na véspera: e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes, para que se complete o desenho de sua vida. (BOSI, 1998, p. 75).

Sem dúvidas Humberto de Campos teria muito mais a contar. Sua partida prematura desse mundo o impediu de ir adiante. É como disse Bosi: o indivíduo “morre na véspera”. Assim, Humberto de Campos morreu na véspera. Aqui ficou o seu “amigo de infância”, seus filhos, sua vasta obra, seus leitores, sua inspiração que, certamente ainda existe inspirando tantos outros, sua experiência de vida tão ricamente relatada em suas memórias, seu conhecimento. Tudo isso, “para que se complete o desenho de sua vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Giscard Farias. **Quando a doença torna a vida um fardo: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934)** – Tese (doutorado) _ Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque. Júnior. Recife, O autor, 2014.

AQUINO, Z. T de; BELLODI, Z. C; GONÇALVES, M. T. (orgs).**Antologia Comentada de Literatura Brasileira** – Poesia e prosa. Petrópolis: Vozes, 2006.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. **Memória e Família**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Hlstdrlcos, vol. 2., 1989.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006;
BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAMPOS, Humberto de. HALUCH, Aline (org.). **Diário Secreto – Renascendo 80 anos depois**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2014.

CAMPOS, Humberto de. **Memórias Inacabadas**. São Paulo: Gráfica, 1957.
CAMPOS, Humberto de. **Memórias**. São Paulo: Opus, 1983.

CAMPOS, Humberto de. **Reminiscências**. São Paulo: Gráfica, 1957.

CAMPOS, Humberto de. **Sepultando os meus mortos**. São Paulo: Opus, 1983.

CHEVALIER, Jean.; GHEEBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Coordenação de Carlos Sussekind; Tradução de Vera da Costae Silva [et. al.]. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

COELHO, Amparo. **Humberto de Campos – Evocações de uma vida**. Parnaíba: Lithograf, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris, PUF, 1956, *apud* BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNIOR, Arnaldo Nogueira. Projeto Releituras – Um sítio sem fins lucrativos. @njo, 1996.

KLINGER, Diana. **Escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. CARVALHO, Bernardo; VALLEJO, Fernando; CUCURTO, Washington; NOLL, João Gilberto; AIRA, César; SANTIAGO, Silvano; KLINGER, Diana Irene. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. Capítulo XIV A Crônica, p. 623/639. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORAIS, Josamar *apud* COELHO, Amparo. **Humberto de Campos – Evocações de uma vida**. Parnaíba: Lithograf, 2005.

NEJAR, Carlos Nejar. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Leya, 2007; SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, J. F. dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SOUZA, Jorge Dias(coord.) vários autores. **Me conte a sua história: histórias reais de quem vive a vida: livro 3**. São Paulo: Febrapharma – Federação Brasileira da Indústria Farmacêutica, 2006.

APÊNDICE A - RIO IGARAÇU ("BRAÇO" DO RIO PARNAÍBA) - PARNAÍBA/PI



**APÊNDICE B - ANTIGA RUA GRANDE - AVENIDA PRESIDENTE VARGAS -
PARNAÍBA/PI**



APÊNDICE C - PRAÇA DO CAJUEIRO HUMBERTO DE CAMPOS - PARNAÍBA/PI

ANEXO A - O BRINQUEDO ROUBADO

A nossa mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltava tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessário e do supérfluo, doía-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. Eu era um menino feio, retraído, desconfiado. Nada, em mim, atraía a simpatia alheia. E como não havia um espírito estranho e inteligente que procurasse estabelecer o contacto do meu coração com o mundo, ia se formando na minh'alma um surdo sentimento de revolta, uma queixa amarga e silenciosa, contra as desigualdades estabelecidas pelo Destino.

Foi a noção dessa inferioridade clamorosa que me levou à prática do primeiro ato reprovável, em que o castigo severo contribuiu, apenas, para fixar no meu espírito a extensão daquela injustiça.

Eu fui um menino que não possuiu, parece, jamais, um brinquedo delicado. É provável que meu pai, nas suas viagens ao Maranhão, me levasse alguma lembrança desse gênero. Mas eu o perdi aos seis anos, e, depois de órfão, minha mãe não podia despender qualquer quantia, mesmo insignificante, com uma gaita, um boneco ou um pandeiro. No meu aniversário, ou no da minha irmã, seu brinde consistia em servir o nosso almoço fora da mesa, improvisando um “banquete” sobre um caixão de querosene, coberto com uma toalha de rosto. Nesse dia, comíamos em pires, elevados à condição de pratos da nossa festa. Certa vez houve, mesmo, um pouco de “vinho”, preparado com água, vinagre e açúcar, e que enchia um pequeno vidro, dos de *Xarope de Cambará*. Minhas distrações de infância, desde que chegamos a Parnaíba, limitavam-se a frutos de jatobá, em que eu punha pernas e chifres para a formação de boiadas; à fabricação de arapucas para apanhar as rolas mariscadeiras do quintal; e à de papagaios de papel, que eram o maior encanto das minhas tardes vadias. Às vezes, quando encontrava um lápis ao alcance da mão, transformava-me em desenhista e, deitado no chão, pintava em cada tijolo do alpendre uma paisagem, ordinariamente uma casa com algumas árvores à frente ou ao lado, e uma estrada tortuosa que lhe terminava à porta. Houve, também, uma época, dos oito aos dez anos, em que os meus cuidados se

voltaram para os carretéis de linha. Cheguei a possuir cerca de duzentos, brancos uns, pretos outros. Constituíam dois exércitos comandados pelos generais, que eram os carretéis maiores. Punha-os em forma, alinhava-os militarmente para a batalha, e, com um limão, derrubava-os a tiro de artilharia, ora de um lado, ora de outro. Entre esses carretéis alguns havia que eram verdadeiros heróis: entravam em seis ou sete combates seguidamente, e não caíam. O limão respeitava-os como as granadas a Bonaparte. Se há um Cornélio Nepote no mundo dos carretéis vazios, alguns dos meus devem ter o seu nome na história dos grandes capitães. Terminadas, porém, as lutas a que os submetia, eu enfiava os meus dois exércitos em um barbante e pendurava-os nuns pregos do alpendre... Fazia, em suma, com os meus soldados, o que fazem com os seus os políticos, depois de servidos... Todos os meus brinquedos eram, como se vê, brinquedos de menino pobre. Nenhum vinha da loja.

É de imaginar, pois, o alvoroço íntimo que me assaltou quando, um dia, tive sob os olhos uma caixa de brinquedos. Eu devia ter oito anos e estava, com minha mãe, em visita, na casa de um dos meus tios, quando, uma tarde, mandaram pedir no estabelecimento comercial de Pires Almeida & Cia., que ficava próximo, alguns brinquedos, para escolher. Haviam chegado do Maranhão algumas dúzias deles, e todas as crianças afortunadas tinham tido notícia do acontecimento. A criada voltou com a encomenda e foi deslumbrado que vi abrir-se a caixa maravilhosa. Eram pequenos brinquedos de lata, pintados de azul, de amarelo, de verde ou de vermelho: carruagens, bondes, locomotivas, navios – um sortimento capaz de revolucionar Lilipute. Custava 400 réis cada um.

Olhos ávidos, coração batendo forte, eu vi passarem dois brinquedos daqueles para as mãos venturosas da minha prima e do meu primo pequenos. Ninguém se lembrou de mim. Ninguém se apercebeu da minha tristeza, ao ver-me esquecido. Ninguém viu que ali estava um menino órfão, mais infeliz que as outras crianças, e que, por isso mesmo, precisava, mais que as outras, de uma esmola de alegria. Escolhidos os dois brinquedos, fechou-se a caixa, que a rapariga deixou sobre uma cadeira da sala de jantar, enquanto ia no interior da casa.

Quando ela saiu para ir à loja com a sua carga preciosa, eu a acompanhei. Não sei se eram os outros brinquedos que me atraíam ou se era o remorso, a consciência da culpa, que me arrastava. Ia como um autômato. Ia como quem

marcha solto, mas sem poder fugir, para o lugar em que se levanta o patíbulo. Chegados à loja, o comerciante derramou a caixa de brinquedos sobre o balcão.

– Ficaram com dois, – informou a criada, entregando os oitocentos réis.

– Dois, não; três... – declarou o dono da loja.

Recontou os brinquedos e insistiu:

– Falta um... Diga lá que falta um...

Voltamos. O coração batia-me como se me quisesse vir à boca tomar fôlego. Eu devia estar lívido, transfigurado. A rapariga deu o recado à minha tia. E todos os olhos se voltaram, de pronto, para o menino órfão.

Não me recordo, hoje, que foi o que aconteceu. Entreguei o brinquedo, um pequenino carro pintado de vermelho, que havia escondido atrás de uma porta. Apanhei, com certeza, a minha surra. Fui apontado, sem dúvida, às crianças felizes e que tinham pai, como um menino mau, e de costumes tristes. E o brinquedo foi restituído ao comerciante, com a declaração de que havia caído sobre um tapete, no momento de abrir a caixa.

Foi esse, na minha vida de criança, o único brinquedo bonito, e de loja, que possuí. Posse criminosa e precária. Alegria misturada de sofrimento, e que durou um instante. Contentamento íntimo que terminou em humilhação ostentosa. Festa de alma que se tornou agonia.

E que tem sido para mim, pelo resto da vida, a felicidade, senão um brinquedo roubado, que eu escondo, que dissimulo assustadamente no coração, e que, no entanto, descubrem, e me tomam, quando custaria tão pouco me deixarem com ele?

(CAMPOS, 1983, p. 151/156)

ANEXO B - NOSSA CASINHA

EM *Une vie*, de Maupassant, Jeanne, condessa de Lamare, perdidos o pai, a mãe e o esposo, e abandonada pelo filho, entrega-se a um bizarro exercício de memória. Toma os calendários, as “folhinhas” relativas aos últimos vinte anos da sua vida, e põe-se a restaurar dia a dia todos os acontecimentos daquele período feliz ou tormentoso. E consegue, dessa maneira, povoar de fatos, e de figuras, todas as horas que, antes dessa ressurreição pela saudade, lhe pareciam tristes e vazias.

No esforço, que agora faço, para realização do mesmo milagre, não deixa de ser curioso que eu, que me recordo de tanto fato insignificante, de tanto episódio miúdo, não tenha lembrança, embora a mais leve, do dia em que nos mudamos para a casa que minha mãe mandou construir em Parnaíba, à Rua do Pará, ao lado daquela em que nos instalamos em 1894. Ao reconstituir esse período e esses acontecimentos, já me vejo residindo aí. Duas ou três ocorrências ligeiras, dois ou três quadros no meio de outros que se apagaram, eis o que me resta. À memória faltam recordações para encher a moldura dos dias.

A casa obedece, mais ou menos, à disposição da que lhe fica ao lado, e em que havíamos residido. Três altas janelas de frente, e, à esquerda de quem a examina da rua, uma grande porta, por onde se entra para um alpendre largo e todo fechado de rótulas. Para esse alpendre, dá a porta da sala de visitas, a que correspondem as três janelas da rua. Atrás da sala, e comunicando-se com ela por duas portas, um grande quarto destinado às minhas tias e à minha irmã mais velha. Esse quarto possui, ainda, uma porta lateral para o alpendre de que se faz a sala de jantar, e outra, mais, para o quarto de minha mãe, que se comunica, por sua vez, com a sala de jantar. Na puxada, um quarto grande, que é a despensa, dando para um corredor aberto. Em seguida, a cozinha, com fogão e forno de barro, para lenha. Atrás da casa, o banheiro, e um quarto pequeno, que eu transformei em pombal, mas foi reduzido, depois que os gatos e as mucuras me comeram os pombos, em... restaurante de Ezequiel. Próximo ao banheiro, um poço de tijolo, de uma dezena de metros de profundidade. Ao lado da casa, à esquerda de quem entra, um largo pedaço de quintal arenoso, em que fizemos o jardim. E em seguimento, para os fundos, o quintal de sessenta ou setenta metros, todo cercado de troncos de carnaúba rachada ao meio.

À chegada do primeiro inverno cuidou minha mãe de encher de plantas o seu pequeno retiro. Comprando uma dúzia de cocos com casca, foram estes cortados no lado superior para facilitar a germinação. Abertas as covas, fundas de mais de meio metro, punha-se dentro de cada uma um coco e, sobre este, um punhado de sal.

– Para que serve o sal, em cima do coco? – indago.

– É por causa dos besouros – explica-me o caboclo que nos ajuda na plantação.

– O sal afugenta o besouro, quando ele entra na terra para roer o coco.

Não obstante essas precauções, apenas cinco ou seis coqueiros nasceram. Mas outros cocos foram plantados, e vingaram. E vingaram as laranjeiras, os limoeiros, as ateiras, os mamoeiros. Um muricizeiro estendeu os galhos junto ao alpendre, em frente ao corredor da despensa, dando agasalho às galinhas. Um jasmineiro miúdo derramou-se no jardim, estrelando a areia. Um casa-cedo rebentou em cálices amarelos. Um resedá modesto perfuma a brisa. E as roseiras lutaram para viver. Eu próprio puxava a água do poço profundo, em um balde de zinco, auxiliado por um carretel estridente. E minha mãe, e minhas irmãs, na alegria humilde de possuírem o seu teto, davam de beber às plantas amigas. Nessa casinha, com intervalo apenas de alguns meses, passei a minha meninice, dos nove aos treze anos, e, mais tarde, a adolescência, dos quinze aos dezesseis. Do seu quintal subiram os meus papagaios de papel. Entre as suas moitas rasteiras armei as minhas arapucas cheirando a mato verde. Nas suas cercas irregulares pendurei os meus alçapões traiçoeiros. Aí escrevi o meu primeiro conto e me nasceu a primeira ambição literária. Testemunha quieta dos meus desastres iniciais, das lágrimas da minha mãe e do milagre da nossa pobreza corajosa, foi à sua sombra que decorreram as nossas noites de vigília e os nossos dias de esperança.

Nessa casa humilde e clara teve o navio da minha alma o seu estaleiro... Desse porto abrigado partiu três vezes o meu barco atrevido e frágil para afrontar as iras do oceano trovejante. Da primeira, voltei desiludido, apavorado com a tormenta que rugia lá fora. Da segunda, regressei, as velas rotas, o leme partido, para reparar os estragos da tempestade, mas com o pensamento de fazer-me ao largo, outra vez. Da terceira, enfim, apanhado pelos ventos oceânicos e pelo capricho das correntes marítimas, fui arrastado para tão longe que, decerto, nunca mais voltarei...

E para quê? Para que voltar se se não balançam mais na mesma enseada os barcos amigos que dançavam ao sol nas mesmas águas? Voltar para quê, se minha irmã já não existe, se não existem o tio e uma das tias que moravam conosco, se o

coração de minha mãe esmorece coberto de luto, se tudo, em suma, seria, aí, para mim, fonte de saudades, ninho de tristezas, e amargo motivo para evocações dolorosas?

Envelhece, pois, sem que me vejas mais, casa que eu vi nascer, em cujas paredes eu próprio marcava, com um traço de carvão na argila clara, os progressos do meu crescimento. Um dia ruirás, e serás poeira. Um dia eu morrerei, e minha carne se transformará em pó. E as minhas cinzas se reunirão às tuas, e dormirão juntas, consoladas, no seio materno e silencioso da terra...

(CAMPOS, 1983, p. 179/183)

ANEXO C - UM AMIGO DE INFÂNCIA

No dia seguinte ao da mudança para a nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda cheirando ainda a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tosco, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de caju que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca do que uma planta em eclosão. Acastanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas úmidas e avermelhadas, as quais eram como duas joias flexíveis que tentassem fugir do seu cofre.

– Mamãe, olhe o que eu achei! – grito, contente, sustendo na concha das mãos curtas e ásperas o monstrengo que ainda sonhava com o sol e com a vida.

– Planta, meu filho... Vai plantar... Planta no fundo do quintal, longe da cerca...

Precipito-me, feliz, com a minha castanha viva. A trinta ou quarenta metros da casa, estaco. Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolo e telha. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde móbil, a agradecer-me o cuidado que lhe dispenso, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou.

O meu cajueiro sobe, desenvolve-se, prospera. Eu cresço, mas ele cresce mais rapidamente do que eu. Passado um ano, estamos do mesmo tamanho. Perfilamos-nos um junto do outro, para ver qual é mais alto. É uma árvore adolescente, elegante, graciosa. Quando eu completo doze anos, ele já me sustenta nos seus primeiros galhos. Mais uns meses e vou subindo, experimentando a sua resistência. Ele se balança comigo como um gigante jovem que embalasse nos braços o seu irmão de leite. Até que, um dia, seguro da sua rizeza hercúlea, não o deixo mais. Promovo-o a mastro do meu navio, e, todas as tardes, lhe subo ao galho mais empinado onde, com o braço esquerdo cingindo o caule forte, de pé, solto, alto e sonoro, o canto melancólico da Chegança, que é, por esse tempo, a festa popular mais famosa de Parnaíba:

Assobe, assobe, gajeiro,

Naquele tope real...
 Para ver se tu avistas,
 Otolina,
 Areias de Portugal!

Mão direita aberta sobre os olhos como quem devassa o horizonte equóreo, mas devassando, na verdade, apenas os quintais vizinhos, as vacas do curral de Dona Páscoa e os jumentos do sr. Antônio Santeiro, eu próprio respondo, com minha voz gritada, que a ventania arrasta para longe, rasgando-a, como uma camisa de som, nas palmas dos coqueiros e nas estacas das cercas velhas, enfeitadas de melão São Caetano:

Alvíssaras, meu capitão,
 Meu capitão-general!
 Que avistei terras de Espanha,
 Otolina,
 Areias de Portugal!

A memória fresca e límpida reproduz, uma a uma, fielmente, todas as passagens épicas, todas as canções melancólicas e singelas da velha lenda marítima com que o majestoso mulato Benedito Guariba, uma vez por ano, à frente dos seus caboclos improvisados em marujos portugueses, alvoroça as ruas arenosas da Parnaíba. O vento forte, vindo das bandas da Amarração, dá-me a impressão de brisa do oceano largo. O meu camisão branco, de menino da roça, paneja, estalando, como uma bandeira solta. O cajueiro novo, oscilando comigo, dá-me a sensação de um mastro erguido nas ondas. E eu, sugestionado pela imaginação, via – eu via! – as vagas rolando diante de mim, na curva do horizonte, onde o céu e o mar se beijam e misturam, as terras claras de Espanha, e areias de Portugal.

Pouco a pouco, a noite vem descendo. Um véu de cinza envolve docemente os coqueiros dos quintais próximos. Os bezerros de Dona Páscoa berram com mais tristeza. As vacas, apartadas deles, respondem com mais saudade. Os jumentos do sr. Antônio Santeiro zurram as cinco vogais e o estribilho *ípsilon*, marcando sonoramente as seis horas. Os do Sr. Antônio de Monte, ao longe, conferem e confirmam o zurro, o focinho para o alto, olhando o milho de ouro das primeiras estrelas. E eu, gajeiro de uma nau ancorada na terra, desço, tristemente, do folhudo mastro do meu cajueiro, sonhando com o oceano alto, invejando a vida tormentosa

dos marinheiros perdidos, que não tinham, pelo menos, a obrigação de estudar, à luz de um lampião de querosene, a lição do dia seguinte...

Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão, e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe do caule ferido. Na ponta dos ramos mais altos abotoam os primeiros cachos de flores miúdas e arroxeadas como pequeninas unhas de crianças com frio.

– Adeus, meu cajueiro! Até à volta!

Ele não diz nada, e eu me vou embora.

Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em São Luís, homem-menino, lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe: “Receberás com esta uma pequena lata de doce de caju, em calda. São os primeiros cajus do teu cajueiro. São deliciosos, e ele te manda lembranças...”

Há, se bem me lembro, uns versos de Kipling, em que o Oceano, o Vento e a Floresta palestram e blasfemam. E o mais desgraçado dos três é a Floresta, porque, enquanto as ondas e as rajadas percorrem terras e costas, ela, agrilhoadada ao solo com as raízes das árvores, braceja, grita, esgrime com os galhos furiosos, e não pode fugir nem viajar... Recebendo a carta de minha mãe, choro, sozinho. Choro, pela delicadeza da sua ideia. E choro, sobretudo, com inveja do meu cajueiro. Por que não tivera eu, também, raízes como ele, para me não afastar nunca, jamais, do quintal em que havíamos crescido juntos, da terra em que eu, ignorando que o era, havia sido feliz?

Volto, porém. O meu cajueiro estende, agora, os braços, na ânsia cristã de dar sombra a tudo. A resina corre-lhe do tronco mas ele se embala, contente, à música dos mesmos ventos amigos. Os seus galhos mais baixos formam cadeiras que oferece às crianças. Tem flores para os insetos faiscantes e frutos de ouro pálido para as pipiras morenas. É um cajueiro moço e robusto. Está em toda a força e em toda a glória ingênua da sua existência vegetal.

Um ano mais, e parto novamente. Outra despedida; outro adeus mais surdo, e mais triste:

– Adeus, meu cajueiro!

O mundo toma-me nos seus braços titânicos, arrepiados de espinhos. Diverte-se comigo como a filha do rei de Brobdingnag com a fragilidade do capitão Gulliver. O monstro maltrata-me, fere-me, tortura-me. E eu, quase morto, regresso a Parnaíba, volto a ver minha casa, e a rever o meu amigo.

– Meu cajueiro, aqui estou!

Mas ele não me conhece mais. Eu estou homem: ele está velho. A enfermidade cava-me o rosto, altera-me a fisionomia, modifica-me o tom da voz. Ele está imenso e escuro. Os seus galhos ultrapassam a cerca e vão dar sombra, na rua, às cabras cansadas, aos mendigos sem pouso, às galinhas sem dono... Quero abraçá-lo, e já não posso. Em torno ao seu tronco fizeram um cercado estreito. No cercado imundo, mergulhado na lama, ressona um porco... Ao perfume suave da flor, ao cheiro agreste do fruto, sucederam, em baixo, a vasa e a podridão!

– Adeus, meu cajueiro!

E lá me vou outra vez, e para sempre, pelo mundo largo, onde hoje vivo, como ele, com os pés na lama, dando, às vezes, sombra aos porcos, mas, também, às vezes, doirado de sol lá em cima, oferecendo frutos aos pássaros e pólen ao vento, e, no milagre divino do meu sonho, sangrando resina cheirosa, com o espírito enfeitado de flores que o vento leva, e o coração, aqui dentro, cheio de mel, e todo ressoante de abelhas...

(CAMPOS, 1983, p. 215/221)

ANEXO D - O FLAGRANTE

A quem deverei atribuir, hoje, o golpe terrível, e fundo, mas necessário, que me interrompeu a atividade criminosa, e contribuiu para imprimir uma nova direção à agulha magnética, na bússola da minha vida? Que agentes se associaram, e por que modo, para a descoberta do feio delito que eu praticava, infligindo-me uma humilhação cujo alcance eu não podia compreender, pois que eu tinha, apenas, completado doze anos?

Certo, não se tornava difícil a apuração da minha desonestidade. O meu ordenado era, apenas, de doze mil réis por mês, e esse mesmo retirado em mercadorias, especialmente em café, açúcar e cereais destinados à minha mãe. Como, pois, poderia eu, senão criminosamente, fazer encomendas de livros e ter dinheiro em poder de amigos, movimentando numa quinzena quantias que não ganhava num semestre?

O segredo em torno dos meus negócios era impossível. Canuto Veras, meu primo e um dos sócios de meu tio, era um dos fregueses de Dourado, Zenóbio & Cia., e, na qualidade de amigo de Luís Dourado, podia manusear o *Contas Correntes* e ver o volume das minhas transações. Teria partido, todavia, daí, a suspeita? Ou de uma denúncia do cunhado de Cazuzza Porto, indo restituir a meu tio, ou aos meus primos, o dinheiro guardado na sua prateleira, e cujo desaparecimento simulara? Não sei, nem procurei saber. Que importa à vítima o ponto do céu de onde partiu o raio, se não é possível mais evitar o efeito da desgraça que o fulminou?

Chegara o dia 22 de agosto de 1899. A casa comercial de meu tio era, como descrevi em outra parte, contígua a outra em que residiam meus dois primos, sócios da firma, ambos solteiros, e comunicava-se com ela por uma porta, fora do balcão. Naquela tarde, meu tio havia ido para a fazenda, ficando na loja os dois rapazes. Em determinado momento, como às vezes acontecia, estes se retiraram para a casa de moradia, onde costumavam tomar café ou examinar alguns livros, ficando eu sozinho, na loja. Não sei se era a primeira vez que eles me experimentavam, para apurar a verdade. O certo é que, nessa tarde, quando me vi só, abri a gaveta do balcão, e acabava de fechá-la quando os meus dois primos surgiram repentinamente, avançando para mim.

– Largue o dinheiro, “seu” patife! Passe o dinheiro que você tirou! – exclamou o mais velho, detendo-me.

Estaquei, pálido, sem uma palavra. Os dois passaram-me revista. Viraram-me os bolsos, examinaram-me a camisa. E não encontraram nada. Por um motivo qualquer, em que entrou mais o acaso do que o desejo, eu não retirara nesse dia, sequer, um níquel. Falhara o flagrante. Mas possuíam eles, com certeza, provas suficientes dos delitos anteriores. Soltaram-me, por isso, sem nada dizer. E, se disseram, eu nada escutei, tamanho era o meu atordoamento. Rolavam sobre a minha cabeça frágl os destroços de um mundo cuja arquitetura eu não conhecia.

Quando cheguei à nossa casa, nos Campos, acabava de dar oito horas no sino da Matriz. Havia visitas, e achavam-se todos sentados em cadeiras, postas fora do passeio, na rua quieta e silenciosa. Apenas minha mãe estava sentada no tijolo da calçada, na sua posição humilde e familiar. Beijei-lhe a mão, e sentei-me a seu lado, a alma confrangida de terror e de pena. Ao fim de algum tempo disse-lhe que lhe queria falar, e entrei. Ela foi ao meu encontro, e saímos, os dois, abraçados, para o quintal.

Era uma noite sem lua, um pouco escura, mas com muitas estrelas. Lembro-me disso ainda hoje, porque foi essa uma das poucas vezes que, no orgulho da minha miséria, levantei os olhos para o céu. Com o braço na cintura de minha mãe, e sentindo o seu em torno do meu pescoço, contei-lhe, chorando, a cena da tarde. Narrava-lhe o episódio, mas não me acusava, não lhe falava dos antecedentes. Estava certo de que a sua resposta seria, naquela noite mesmo, uma surra, como as que me aplicava constantemente por faltas muito menores. A culpa havia sido, porém, grande demais, para que ficasse resolvida com o meu castigo. Minha mãe sentia que era preciso, naquele transe, proteger o seu filho. Criminoso ou não, ele era uma criança. Chegara o momento em que eu mais carecia da sua proteção, do seu arrimo, do seu apoio. E ela mo deu, tendo, embora, cravada no peito a lâmina mais afiada e mais venenosa que nele se embebeu, em toda a vida.

As plantas do nosso quintal estavam todas adolescentes. Meu cajueiro tinha quatro vezes a minha altura, e foi junto dele, quebrando, torturando, triturando as suas folhas, que eu alanceei o coração da minha mãe, contando-lhe a verdade cruel. Ao terminar, senti que ela chorava e que me apertava mais fortemente de encontro ao seu coração. Percorremos, duas ou três vezes, abraçados e em silêncio, o caminho que os coqueiros novos, e as laranjeiras tenras, marginavam na sombra. Ela chorava, mas refletia. Ao fim de alguns instantes, parou, e recomendou-me:

– Não digas a ninguém uma só palavra sobre isto... Ouvistes?

– Sim, senhora.

– Vamos para a calçada. É preciso que ninguém saiba o que houve.

Tornando à companhia das visitas, minha mãe, que antes quedava silenciosa, passou a tomar parte na conversa, rindo muito e nervosamente. Despedidos os visitantes, recolhemo-nos, para dormir.

E eu, da minha rede do alpendre, vi, pela porta aberta do seu quarto, que ela não dormiu um só instante. Sentada na rede, o terço na mão, passou a noite inteira rezando...

(CAMPOS, 1983, p. 333/337)